

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

**NAYARA GLEYCE PRATES AMORIM SANTOS**

**DISCURSO E RELIGIÃO NO ACONTECIMENTO DA COVID-19**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2022**

**NAYARA GLEYCE PRATES AMORIM SANTOS**

**DISCURSO E RELIGIÃO NO ACONTECIMENTO DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, Significado e Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2022**

Santos, Nayara Gleyce Prates Amorim.  
 S233d Discurso e religião no acontecimento da COVID-19. / Nayara Gleyce Prates Amorim Santos; orientadora: Edvania Gomes da Silva. – Vitória da Conquista, 2022. 87f.

Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.  
 Inclui referência F. 85 – 87.

1. Acontecimento discursivo. 2. COVID-19. 3. Memória - Religião. I. Silva, Edvania Gomes. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III

CDD: 401.44

Catálogo na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção — CRB 5/1890**  
 UESB – *Campus* Vitória da Conquista – BA

**Título em inglês:** Discourse and religion in the event of COVID-19

**Palavras-chave em inglês:** Discursive event, COVID-19, Memory, Religion.

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Mestre em Linguística.

**Banca examinadora:** Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (Presidente orientadora); Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva (UESB); Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar).

**Data da defesa:** 20/09/2022.

**Programa de Pós-Graduação:** Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7944-4138>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2598094125809390>

**NAYARA GLEYCE PRATES AMORIM SANTOS**

**DISCURSO E RELIGIÃO NO ACONTECIMENTO DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 20 de setembro de 2022.

**Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva  
(Presidente-Orientadora) Instituição:  
UESB

Ass.:



Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca  
Silva  
Instituição: UESB

Ass.:



Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas  
Instituição: UFISCAR

Ass.:



Às minhas filhas e aos meus familiares que, com muito carinho e apoio, me ajudaram a chegar até aqui.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realizar minha formação em nível de Graduação e de Mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB, assim como de toda Pós-Graduação do Brasil; e também porque “o presente trabalho foi realizado com apoio da referida Coordenação - Código de Financiamento 001”<sup>1</sup>, por meio da bolsa de pesquisa que me foi concedida durante os vinte e quatro meses do curso de mestrado.

À Profa. Dra. Edvania, um agradecimento todo especial, pela orientação, pelo incentivo, pela competência, empenho e dedicação em me orientar, em um momento muito difícil e desafiador da sua vida, que foi lidar com questões de saúde, e que se manteve forte para cumprir a minha orientação. Agradeço por ter acreditado em mim durante o processo de escrita e de pesquisa, de modo que me fez seguir em frente e não desistir. Agradeço por todo o cuidado, paciência, sensibilidade e humanidade em considerar, durante o processo de produção deste trabalho, as questões emocionais que tive que enfrentar, por motivos pessoais. Agradeço por todos os conselhos, por todo conhecimento compartilhado, que vai além do acadêmico. Minha eterna gratidão por me ajudar a chegar até aqui. Sem a sua presença em meu caminho, essa jornada talvez nem tivesse começado.

Aos membros da banca de qualificação, Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva e Profa. Dra. Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes, por aceitarem avaliar o trabalho e pelas valiosas contribuições.

A todos os professores do PPGLin, pelo conhecimento compartilhado e pela dedicação à luta por uma educação pública de qualidade.

Às funcionárias do PPGLin, Vanêide e Luciana, pela atenção e cuidado, buscando sempre atender nossas demandas com presteza.

Às minhas filhas, Brenda e Giovanna, que estiveram sempre ao meu lado, nos momentos de alegria e de choro, pela compreensão com meu tempo de estudo, pelo apoio e incentivo de sempre.

Ao meu esposo, Daniel, por estar sempre ao meu lado e por acreditar em mim.

---

<sup>1</sup>Forma padrão de agradecimento, em conformidade com a Portaria CAPES n° 206/2018 e com o Ofício Circular n° 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

À minha mãe, Nébia, meu grande exemplo de perseverança, pela confiança e incentivo de sempre.

Ao meu padrasto, Vilson, pelo cuidado comigo e pelo incentivo.

Aos meus irmãos, Edinádia e Juninho, pela confiança depositada em mim.

Aos meus sobrinhos Duda, Esther, Estéfane, Heitor e João, a quem eu tento servir de inspiração, ao incentivá-los a estudar.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis), pelo conhecimento partilhado e pela parceria nesta trajetória.

A Deus, por me sustentar em força e em sabedoria para que eu chegasse até aqui.

## RESUMO

Neste trabalho, apresentamos os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar a pandemia de COVID-19 como acontecimento discursivo no campo religioso, verificando quais discursos estão materializados nos enunciados de grupos religiosos e quais memórias são retomadas e atualizadas ante à crise sanitária de COVID-19. O *corpus* da pesquisa foi constituído por textos que circularam nas mídias digitais, no período de março de 2020 até março de 2021, e que tratam da forma como o discurso religioso abordou a pandemia. Tal recorte temporal compreende o período em que são postos em circulação os primeiros textos acerca da pandemia e vai até um ano após a publicação desses primeiros textos. Defendemos a hipótese de que o acontecimento histórico da crise sanitária de COVID-19 se configurou, também, em acontecimento discursivo, e que neste há a retomada de diferentes memórias, vinculadas às posições-sujeito que remetem tanto ao campo religioso quanto ao campo médico-científico e ao campo econômico. Tal hipótese pode, ainda, ser desdobrada a fim de indicar que há, no campo religioso, o estabelecimento de uma relação tensa, uma vez que sentidos já-ditos ligam-se a novos sentidos para construir os discursos contrários ao fechamento dos templos. Para averiguar essa hipótese, realizamos a análise discursiva das materialidades, com base nos pressupostos teóricos da Escola Francesa de Análise de Discurso, principalmente, nas noções de discurso, acontecimento discursivo, memória discursiva e posição-sujeito, apresentadas nos textos de Michel Pêcheux.

## PALAVRAS-CHAVE

Acontecimento discursivo. COVID-19. Memória. Religião.

## ABSTRACT

In this work, we present the results of a research that aimed to analyze the COVID-19 pandemic as a discursive event in the religious field, verifying which discourses are materialized in the statements of religious groups and which memories are resumed and updated in the face of the COVID-19 health crisis. The research *corpus* consisted of texts that circled in digital media, from March 2020 to March 2021, and which deal with the way in which religious discourse approached the pandemic. This time frame comprises the period in which the first texts about the pandemic are put into circulation and goes up to a year after the publication of these first texts. We defend the hypothesis that the historical event of the COVID-19 health crisis was also configured in a discursive event, and that in this there is the resumption of different memories, linked to subject-positions that refer both to the religious field and to the medical-medical field. scientific and economic field. Such a hypothesis can also be unfolded in order to indicate that there is, in the religious field, the establishment of a tense relationship, since already-said meanings are linked to new meanings to build the discourses against the closing of the temples. To verify this hypothesis, we carried out a discursive analysis of materialities, based on the theoretical assumptions of the French School of Discourse Analysis, mainly on the notions of discourse, discursive event, discursive memory and subject-position, presented in Michel Pêcheux's texts.

## KEYWORDS

Discursive event. COVID-19. Memory. Religion.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AD	Análise do Discurso
AIE	Aparelhos Ideológicos de Estado
COVID-19	Coronavírus 2019
FD	Formação Discursiva
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
PPGLIN	Programa de Pós-Graduação em Linguística
SARS	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SARS-COV-2	Síndrome Respiratória Aguda Grave - Coronavírus 2
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Considerações gerais: definição do problema de pesquisa e da hipótese .....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Constituição do <i>corpus</i> e o percurso metodológico da pesquisa.....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 Organização dos capítulos .....</b>	<b>17</b>
<b>2 PANDEMIA DE COVID-19 COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO .....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Considerações iniciais .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Considerações teóricas sobre acontecimento histórico .....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 Análise do acontecimento histórico da COVID-19.....</b>	<b>22</b>
<b>2.4 Considerações finais da seção.....</b>	<b>27</b>
<b>3 PANDEMIA DE COVID-19 COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO NO CAMPO RELIGIOSO .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 Considerações iniciais .....</b>	<b>28</b>
<b>3.2 Considerações teóricas .....</b>	<b>28</b>
<b>3.2.1 <i>Discurso, ideologia e sujeito: algumas considerações</i> .....</b>	<b>33</b>
<b>3.3 Análise do acontecimento discursivo da COVID-19 .....</b>	<b>40</b>
<b>3.4 Discurso sobre o fechamento dos templos religioso em meio ao acontecimento discursivo da pandemia de COVID-19 .....</b>	<b>63</b>
<b>3.5 Considerações finais acerca do acontecimento discursivo da COVID-19 e do discurso sobre o fechamento dos templos religiosos .....</b>	<b>80</b>
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>85</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Considerações gerais: definição do problema de pesquisa e da hipótese

Este trabalho surge da interrelação entre a pandemia de COVID-19 e o discurso religioso, por isso nossas considerações iniciais são justamente sobre esses dois objetos, afinal é a partir deles que iremos, em seguida, apresentar as questões-problema que estão na base da pesquisa que originou esta dissertação.

No que se refere à COVID-19, a organização Mundial da Saúde (OMS) decretou, em março de 2020, que a disseminação da doença, causada pelo novo coronavírus<sup>2</sup> e que acometeu boa parte da população do planeta Terra a partir de dezembro de 2019, deveria ser classificada como uma pandemia. Algumas características da referida doença, como seu alto poder de disseminação e a rapidez com que ela pode evoluir para casos mais graves, tornaram difícil qualquer prognóstico em relação à referida pandemia, uma vez que o vírus SARS-CoV-2 se espalhou rapidamente pelo mundo, matando milhares de pessoas, superlotando hospitais, levando os profissionais de saúde ao limite do esgotamento físico e emocional, e produzindo ainda vários impactos econômicos. Por isso, atitudes preventivas dos governos foram essenciais para se tentar combater a disseminação do vírus, o que ocorreu a partir da adoção de medidas de combate e também de prevenção, tais como a promoção do isolamento ou do distanciamento social e o investimento em pesquisas para se conseguir uma vacina que pudesse combater o vírus e/ou desacelerar a propagação da doença. Além de medidas relacionadas especificamente ao combate ao vírus, foi necessário também implementar medidas econômicas, como a disponibilização de auxílios emergenciais, a fim de buscar minimizar, principalmente em relação à população economicamente mais vulnerável, os impactos financeiros relacionados a algumas das medidas de prevenção.

Com base no que foi dito até aqui, defendemos, inicialmente, que a pandemia de COVID-19 é um acontecimento histórico que produziu mudanças significativas no contexto socioeconômico e político do país. Além disso, a crise sanitária de COVID-19 se mostrou mais letal do que outros eventos, também relacionados à saúde da população mundial e que

---

<sup>2</sup> “**SARS-CoV-2:** vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ele ficou conhecido, no início da pandemia, como ‘novo coronavírus’” (In: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>). Acesso em: 12/12/2021.

tiveram, a exemplo do que ocorreu com a COVID-19, consequências sanitárias importantes. Dentre esses eventos, citamos a epidemia de SARS<sup>3</sup>, que, apesar de ter apresentado um alto índice de letalidade, teve disseminação apenas regional; e à gripe H1N1<sup>4</sup>, que, do ponto de vista da extensão em relação à disseminação do vírus, poderia se comparar com o coronavírus, mas, em relação ao grau de letalidade, a COVID-19 se mostrou mais letal. Nesse sentido, a pandemia de COVID-19 foi o evento pandêmico que mais impactou a humanidade desde a gripe espanhola<sup>5</sup>.

No Brasil, assim como em outros países, em meio à crise sanitária de COVID-19, foi recomendada<sup>6</sup> a implementação de medidas de distanciamento social, de forma mais restritiva (*lockdown*), devido ao aceleração de casos da doença e, conseqüentemente, a taxa de ocupação dos hospitais, as quais atingiram níveis críticos de superlotação. Desse modo, os

---

<sup>3</sup> “A Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) é uma doença causada por um coronavírus da família SARS. O primeiro caso de SARS ocorreu em 2003 em um surto na China e se propagou por países vizinhos. Foi a primeira doença altamente transmissível do século [...] A SARS teve letalidade de 3% e foi controlada com medidas de segurança em 2003” (In: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/antes-da-covid-19-conheca-3-doencas-que-tambem-fizeram-o-mundo-tremem-neste-seculo>). Acesso em: 12/12/2021.

<sup>4</sup> “A gripe H1N1 consiste em uma doença causada por uma mutação do vírus da gripe. Também conhecida como gripe Influenza tipo A ou gripe suína, ela se tornou conhecida quando afetou grande parte da população mundial entre 2009 e 2010” (<https://portal.fiocruz.br/noticia/pneumologista-fala-sobre-sintomas-e-prevencao-da-gripe-h1n1>). Acesso em: 12/12/2021.

<sup>5</sup> “Gripe espanhola: também chamada *la dansarina*, gripe pneumônica, peste pneumônica ou simplesmente pneumônica, a gripe espanhola foi uma violenta pandemia que atingiu o mundo entre 1918 e 1919, provocando milhões de mortes, especialmente entre os setores jovens da população. Considerada a mais severa pandemia da história da humanidade, foi causada pela virulência incomum de uma estirpe do vírus Influenza A, do subtipo H1N1. A denominação “gripe espanhola” foi cunhada devido ao fato de muitas das informações a respeito da doença terem sido transmitidas pela imprensa da Espanha. Os jornais desse país, que se manteve neutro durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), não sofriam censura quanto às notícias sobre a epidemia, o que não era o caso da imprensa dos países beligerantes. Por isso, assim que a gripe chegava a algum país, era logo chamada de “espanhola”. [...] Calcula-se que a pandemia afetou, direta ou indiretamente cerca de 50% da população mundial, tendo matado de 20 a 40 milhões de pessoas – mais do que a própria Primeira Guerra (cerca de 15 milhões de vítimas) –, razão pela qual foi qualificada como o mais grave conflito epidêmico de todos os tempos” (In: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GRIPE%20ESPANHOLA.pdf>). Acesso em: 10/01/2022.

<sup>6</sup> A respeito do isolamento, lemos em um documento oficial do Conselho Nacional de Saúde: “Considerando que, para conter o avanço descontrolado do contágio do COVID-19, quando as medidas de distanciamento social não estão surtindo o efeito desejado, a fim de permitir que o Sistema de Saúde consiga se recuperar para absorver, da melhor maneira possível, a demanda, faz-se necessária a suspensão total de atividades não essenciais com restrição de circulação de pessoas, medida conhecida como ‘lockdown’” [...] “Recomenda *ad referendum* do Pleno do Conselho Nacional de Saúde ao Ministério da Saúde, Governadores dos Estados e do Distrito Federal, Secretários Estaduais de Saúde, Prefeitos Municipais e Secretários Municipais de Saúde: a) Suspensão de todas as atividades não essenciais à manutenção da vida e da saúde, apenas autorizando o funcionamento dos serviços considerados essenciais, por sua natureza;” (In: <https://conselho.saude.gov.br/images/Recomendacoes/2020/Reco036.pdf>). Acesso em: 15/01/2022.

governos adotaram medidas de isolamento social para evitar aglomerações, com o objetivo de conter o avanço da transmissão do vírus e, conseqüentemente, da doença.

Em relação à religião, que é, como dissemos inicialmente o segundo objeto que atravessa a problematização deste trabalho, ela se inscreve, historicamente, na construção de relações que estão na base de constituição de diferentes sociedades, produzindo um movimento de circulação de sentidos, por meio da discursivização de uma certa moral, baseada em costumes estabelecidos no interior de uma formação social, que se organiza conjunturalmente a partir da relação entre diferentes formações ideológicas. Essas formações ideológicas constituem, segundo Pêcheux e Fuchs (1993 [1975]), “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993 [1975], p. 166), pois se vinculam a posições-sujeitos que estão em funcionamento naquela formação social. Nesse sentido, a religião insere-se discursivamente na produção dos sentidos que constituem as relações de poder na sociedade. Por isso, como afirma Eni Orlandi (1987), “o Discurso Religioso não é objeto de análise somente para teólogos ou ‘religiosos’” (ORLANDI, 1987, p. 7) e pode ser pensado em outros domínios. Desse modo, tanto a relação entre religião e sociedade quanto as implicações dessa relação são importantes para este trabalho, porque, como defende Orlandi, com quem concordamos, “a religião nos aparece como espaço institucional em que se constitui uma certa discursividade que estamos procurando apreender e caracterizar” (ORLANDI, 1987, p. 7). Ainda segundo a autora, a religião, enquanto discurso, se constitui como a “territorialização da espiritualidade do homem” (ORLANDI, 1987, p. 9), pois é o lugar onde o homem institui sua fala específica, se constrói e se expressa. Com isso, não pretendemos falar de nossa crença e/ou descrença religiosa, mas sim do discurso religioso.

Durante os primeiros tempos da pandemia de COVID-19, as atividades religiosas, por concentrarem uma quantidade significativa de pessoas, tornaram-se um possível vetor de transmissão da doença. Devido a isso, tornou-se impossível, ao menos até a descoberta de uma vacina contra o vírus, a reunião de fiéis em seus templos para a realização de atividades religiosas. A partir dessa proibição de encontros religiosos presenciais, vimos circular, em diferentes meios de comunicação, diversas materialidades significantes referentes ao posicionamento de grupos religiosos que se manifestaram contrários às medidas recomendadas pelas autoridades de saúde e referendadas pelos governos. Com base na observação dessas materialidades, começou a surgir o problema de pesquisa que está na base desta dissertação, pois as referidas materialidades indicavam que, em meio à crise pandêmica,

havia a materialização de discursos que se constituem na relação entre diferentes campos<sup>7</sup> (religioso, político, científico) e que emergem na mídia indicando a existência de um cenário de desestabilização de discursos acerca da pandemia.

Assim, salientamos que a pandemia de COVID-19 não é apresentada neste trabalho pelo viés de áreas de conhecimento da saúde. Os resultados que apresentamos aqui baseiam-se na análise discursiva daquilo que foi materializado na/pela língua a partir de diferentes lugares ideológicos. Isso porque, como assinala Michel Pêcheux (2014 [1975]), as palavras e expressões não têm sentido em si, elas mudam de sentido conforme as posições-sujeito ocupadas e projetadas no discurso. Desse modo, ao trazer recortes dos textos que constituem o *corpus* que iremos analisar, o texto é considerado não somente um dado linguístico, com suas marcas linguísticas e organização, mas como objeto simbólico, em que uma posição-sujeito, um lugar, um discurso e uma memória se materializam.

Trata-se, portanto, de analisar a relação entre sentidos, ideologia e sujeitos que emerge da relação entre o campo religioso, o campo científico e o campo político em meio ao acontecimento da pandemia de COVID-19. Nesse sentido, elaboramos, com base nas observações preliminares dos dados, as seguintes questões-problema: de que modo a pandemia de COVID-19 se constitui como acontecimento discursivo no campo religioso? Essa primeira questão buscou identificar como a pandemia é discursivizada no referido campo, ou seja, trata-se de analisar o que se diz, como se diz e quais já-ditos estão na base desse dizer que emerge na atualidade. Constatamos que há um dizer que se repete e que produz diferentes efeitos, os quais indicam o funcionamento do discurso religioso frente à crise sanitária de COVID-19. Esse dizer que se repete está relacionado à resposta dada por algumas denominações religiosas à solicitação dos órgãos de saúde e dos governos para que houvesse o fechamento de templos religiosos. Em que pese o fato de alguns grupos e/ou denominações terem cumprido imediatamente e sem qualquer questionamento a solicitação de fechamento, houve, por parte de indivíduos subjetivados em posições-sujeito também vinculadas ao campo religioso, manifestações públicas contrárias ao fechamento dos templos. São essas manifestações que nos interessam aqui, pois buscamos construir um dispositivo de

---

<sup>7</sup> Dominique Maingueneau (2008 [1984]), define campo discursivo como “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (MAINGUENEAU, (2008 [1984], p. 34). Nesse sentido, pode-se falar do campo científico, do campo religioso, do campo filosófico, etc. Essa noção de campo coaduna com a proposta de Pierre Bourdieu (1988), para quem a teoria dos campos é construída a partir de generalizações que vão sendo pouco a pouco efetuadas. O conceito de campo é central na obra de Bourdieu e é definido como espaço estruturado em que posições dominantes e dominadas lutam pela obtenção e, posteriormente pela manutenção, de determinados postos.

interpretação que possa, como defende Orlandi (2001), “colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro [...]” (ORLANDI, 2020 [1990], p. 57). Ou ainda, como propõe Pêcheux, buscamos “através das descrições regulares de montagens discursivas, [...] detectar os momentos de interpretação enquanto atos que surgem como tomadas de posição, [...], isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados” (PÊCHEUX, 2015 (1983), p. 57). É por isso que elaboramos uma segunda questão-problema, que se vincula, necessariamente, à primeira. Nessa segunda questão, perguntamos: quais posições-sujeito e quais efeitos-sentido estão em funcionamentos nos discursos contrários ao fechamento dos templos religiosos?

Para responder as questões-problema, levantamos três hipóteses: i) a crise sanitária de COVID-19 funciona como um acontecimento discursivo, que possibilita a ruptura de sentidos estabilizados e a instauração de novos dizeres, novos sentidos acerca da relação entre religião, saúde, fé, medicina, ciência e economia; ii) na construção desse espaço discursivo, há a retomada de diferentes memórias, vinculadas a posições-sujeito que remetem tanto ao campo religioso quanto ao campo médico-científico e, até mesmo, ao campo econômico e político; iii) há uma relação tensa com sentidos já-ditos na estrutura do discurso religioso, possibilitando e mobilizando novos sentidos que se materializam nas enunciações contrárias ao fechamento dos templos. Para investigar a viabilidade da primeira hipótese, retomamos os conceitos de discurso, acontecimento discursivo e memória discursiva, com base no que propõe Pêcheux (2015 [1983]; 1999 [1983]). Para analisar a segunda hipótese, retomamos o conceito de sentido, sujeito, posição-sujeito e memória também postulados por Pêcheux (2014 [1975]). E, para a terceira hipótese, mobilizamos, mais uma vez, os conceitos de discurso e memória discursiva (Pêcheux (2015 [1983]; 1999 [1983])). Além disso, recorreremos a autores, como Orlandi e Indursky, que, a partir do quadro teórico-metodológico desenvolvido por Pêcheux em seus trabalhos, avançam tanto no que se refere à teoria, retomando e ampliando o campo conceitual, quando, principalmente, no que diz respeito às análises, que são feitas a partir das mais diversas materialidades significantes, o que contribuiu, de forma essencial, para as análises que desenvolvemos aqui.

Com base nas hipóteses, propomos como objetivo geral analisar a crise sanitária de COVID-19 como acontecimento discursivo no campo religioso, por meio da identificação das memórias que são retomadas e atualizadas nos enunciados de grupos religiosos diante da referida pandemia. Tal objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos, os quais funcionam como caminhos para alcançarmos o objetivo geral: i) identificar, selecionar e catalogar formulações linguísticas, publicadas na Internet, que tratam do fechamento dos

templos, a fim de constituir o *corpus* do trabalho; ii) analisar, nos textos contrários ao fechamento dos templos, os efeitos-sentido e as posições-sujeito a eles relacionadas; iii) identificar quais memórias discursivas estão relacionadas com os efeitos-sentido e, conseqüentemente, com as posições-sujeito materializados nas formulações que constituem o *corpus* de análise.

Pelo exposto até aqui, é possível afirmar que, neste trabalho, analisamos, a partir de alguns pressupostos teóricos da Análise de Discurso, o funcionamento da memória e dos efeitos-sentido materializados nas formulações contrárias ao fechamento dos templos religiosos num determinado momento da pandemia de COVID-19. A pesquisa que resultou neste trabalho foi desenvolvida no âmbito do projeto temático *Sentidos, sujeitos e religiões na relação com diferentes campos discursivos* e teve como objeto de investigação a discursivização, no campo religioso, do acontecimento discursivo da pandemia de COVID-19.

Em relação à metodologia de coleta de dados, buscamos formulações de textos que circularam em *blogs*, artigos de opinião e entrevistas e que trataram de questões relacionadas ao funcionamento de igrejas e templos religiosos durante a pandemia de COVID-19. Para atender aos objetivos propostos pela pesquisa que originou este trabalho, optamos por: i) apresentar uma visão geral da crise sanitária de COVID-19 e dos acontecimentos que levaram às mídias a abordarem o comportamento de grupos religiosos; ii) analisar formulações de textos publicados em veículos da mídia, seja a grande mídia ou a mídia especializada, que, no caso deste trabalho, é constituída principalmente por denominações ou grupos religiosos; iii) descrever e analisar as posições-sujeito e os discursos materializados nestes enunciados, relacionando-os à(s) memória(s) discursiva(s) que tais discursos retomam e reconfiguram.

## **1.2 Constituição do *corpus* e o percurso metodológico da pesquisa**

A pesquisa que resultou neste trabalho foi, como dito, desenvolvida com base em alguns pressupostos teóricos da Escola Francesa de Análise do Discurso (doravante AD) e todo o percurso metodológico adotado busca responder à questão-problema. Nesse sentido, buscamos, em mídias digitais, textos que abordam a crise sanitária de COVID-19, a fim de constituirmos um *corpus* que, neste trabalho, submetemos à análise qualitativa, uma vez que priorizarmos a relevância dos dados coletados. É, então, devido ao funcionamento do discurso, bem como aos princípios teóricos que estavam na base da pesquisa, que essa se caracteriza como uma investigação não experimental. Nesse sentido, não há manipulação das variáveis encontradas no *corpus* que constitui este trabalho, uma vez que a manifestação

desses dados se apresenta de forma espontânea, em seu contexto natural, e que o mesmo é analisado em sua integralidade.

Partimos do texto, unidade fundamental de análise, que nos permite ter acesso ao discurso, para compreender como este último funciona, como ele produz sentidos, como ele retoma a memória, e explicitar como o texto realiza a discursividade que o constitui. Para selecionarmos os textos que foram analisados e responder às perguntas de pesquisa propostas, a fim de testar nossas hipóteses, relacionamos a construção do *corpus* com a análise, pois, segundo defende Orlandi (2020 [1990]):

A construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedecem critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitem chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visam a demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos (ORLANDI, (2020 [1990], p. 61).

O *corpus* analisado neste trabalho é composto por textos coletados nas mídias digitais, quais sejam: *blogs*, artigos de opinião e entrevistas. O processo por meio do qual constituímos o *corpus* aconteceu da seguinte maneira: i) coleta e seleção de textos que abordam a crise sanitária de COVID-19; ii) análise prévia dos textos coletados, quando pudemos identificar formulações linguísticas de grupos religiosos em relação à referida crise; iii) análise do *corpus* com base nos pressupostos teóricos da AD, recorrendo, especificamente, aos conceitos de discurso, acontecimento discursivo e memória discursiva, apresentados em Pêcheux (2015 [1983]; 2014 [1975]; 1999 [1983]). O período analisado foi de março de 2020 até março 2021, pois iniciamos a coleta no mês em que a crise da COVID-19 foi definida, pela OMS, como uma pandemia, e a concluímos exatamente um ano depois, a fim de que pudéssemos ter um *corpus* que abrangesse o período de um ano de publicações. Selecionamos esse período, porque ele acompanha bem o surgimento do acontecimento histórico da pandemia e as primeiras manifestações, no período de um ano, acerca do referido acontecimento.

### **1.3 Organização dos capítulos**

Em termos de organização estrutural, esta dissertação está estruturada em quatro seções, incluindo essa primeira, que é a Introdução do trabalho, e na qual fazemos uma breve

apresentação sobre a crise sanitária de COVID-19; apresentamos o problema de pesquisa, que direciona esse estudo; os objetivos; as hipóteses levantadas e o percurso metodológico utilizado para a constituição do *corpus*.

Na segunda seção, cujo título é **Pandemia de COVID-19 como acontecimento histórico**, problematizamos, no primeiro momento, o acontecimento histórico, com base na noção de história apresentadas por Michel Foucault (2000 [1972]), Jacques Le Goff (1999) e Maximiliano Martin Vicente (2009). No segundo momento da segunda seção, apresentamos e problematizamos o acontecimento histórico da COVID-19.

Na terceira seção, cujo título é **Pandemia de COVID-19 como acontecimento discursivo no campo religioso**, discutimos, problematizamos e analisamos o acontecimento discursivo da crise sanitária de COVID-19. No primeiro momento, definimos, com base nos autores que fundamentam o trabalho, noções teóricas basilares para a AD e para este trabalho, a exemplo dos conceitos de discurso, memória e acontecimento discursivo, conforme apresentados em Pêcheux (2015 [1983]; 2014 [1975]; 1999[1983]). Em seguida, apresentamos, as noções de discurso, ideologia e sujeito, conforme definidas por Pêcheux (2015 [1983]; 2014 [1975]). No terceiro momento, analisamos dados que indicam que a crise sanitária de COVID-19, além de um acontecimento histórico, configurou-se também, como um acontecimento discursivo no campo religioso; mostramos como a crise sanitária de COVID-19 é discursivizada em enunciados veiculados na mídia, atribuídos a diferentes grupos religiosos; e identificamos quais são as posições-sujeito que buscam garantir seus gestos de interpretação acerca da referida pandemia e quais memórias tais posições retomam. No quarto momento, analisamos como esses grupos discursivizam o fechamento dos templos durante a referida crise sanitária.

Na quarta seção, a **Conclusão**, apresentamos, de forma sucinta, os resultados deste trabalho e, por fim, indicamos as **Referências** utilizadas para embasar teoricamente o trabalho desenvolvido.

## **2 PANDEMIA DE COVID-19 COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO**

### **2.1 Considerações iniciais**

Nesta seção, apresentamos algumas considerações acerca do acontecimento histórico da crise sanitária de COVID-19, a fim de, posteriormente, indicarmos de que modo o acontecimento histórico da pandemia de COVID-19 se constitui também como acontecimento discursivo no campo religioso, ao instaurar uma relação tensa com a memória, construindo novos dizeres e novos sentidos nos enunciados de grupos religiosos que tratam da referida pandemia. A fim de problematizar o acontecimento histórico da COVID-19, recorreremos à noção de história apresentadas por Michel Foucault (2000 [1972]), Jacques Le Goff (1999) e Maximiliano Martin Vicente (2009).

### **2.2 Considerações teóricas sobre acontecimento histórico**

Em Retornar à História, Foucault (2000[1972]) recorre ao exemplo do Estruturalismo, para mostrar a “eficácia” da história serial, pois, para ele, uma análise é estrutural quando “estuda um sistema transformável e as condições nas quais suas transformações se realizam” (FOUCAULT, 2000 [1972], p. 290). E, a história serial também busca estabelecer relações e não mais fazer categorizações prévias ou focalizar “objetos gerais e constituídos por antecipação” (FOUCAULT, 2000 [1972], p. 290). Em outras palavras, a história mudou, também, graças ao Estruturalismo. Por isso, o título do texto é “Retornar à História”. Retornar para repensá-la, reinterpretá-la e propor novas formas de análise, bem distantes da noção de tempo histórico e de sujeito como fonte. Para Foucault, a análise histórica tinha como finalidade reconstruir grandes conjuntos nacionais, provenientes da sociedade industrial capitalista. Segundo ele, “a história teve por função, no interior da ideologia burguesa, mostrar como essas grandes unidades nacionais, das quais o capitalismo necessitava, vinham de longa data e tinham, através de diversas revoluções, afirmado e mantido sua unidade” (FOUCAULT, 2000[1972], p. 286). Nesse sentido, a burguesia se apropriava da história para justificar a sua ascensão, e a história era uma disciplina que tornava viva a totalidade desse passado nacional. Esse papel da história é criticado por Foucault, pois, de acordo com o autor, a história deve ser concebida separadamente do sistema ideológico em que ela se desenvolveu e compreendida não mais como um processo evolutivo, mas sim como uma análise das transformações das sociedades. Desse modo, para o referido autor, a história deve abandonar

as noções de tempo e passado e se apropriar da noção de mudança e do acontecimento. Por isso, Foucault afirma que apresentará dois exemplos: “um tomado emprestado dos métodos estruturalistas, e outro, dos métodos propriamente históricos; o primeiro tem por finalidade mostrar-lhes como o estruturalismo deu, ou, em todo caso, se esforça para dar, uma forma rigorosa à análise da mudança; o segundo visa mostrar como certos métodos da nova história são tentativas para dar um estatuto de um sentido novo à velha noção de acontecimento” (FOUCAULT, 2000[1972], p. 287). Em síntese, ele recorre ao Estruturalismo e à nova história para propor a noção de acontecimento que julga relevante para as análises históricas.

Foucault defende o método da história serial, o qual confere um outro sentido à noção de acontecimento. Tal método fundamenta-se na investigação de séries de documentos, a fim de estabelecer relações internas e externas com o *corpus*. Nesse sentido, Foucault afirma que o historiador

[...] não interpreta mais o documento para apreender por trás dele uma espécie de realidade social ou espiritual que nele se esconderia; seu trabalho consiste em manipular e tratar uma série de documentos homogêneos concernindo a um objeto particular e a uma época determinada, e são as relações internas ou externas desse *corpus* de documentos que constituem o resultado do trabalho do historiador (FOUCAULT, 2000 [1972], p. 291).

Desse modo, o método da história serial permite a emergência de estratos de acontecimentos, alguns perceptíveis e outros imperceptíveis aos contemporâneos, diferentemente da história tradicional, que concebia o acontecimento como algo que era sempre visível e identificável. A partir dessa concepção da história serial, o historiador passa ter a função de identificar esses estratos de acontecimentos difusos que determinam a história do mundo, estabelecendo não mais uma continuidade sob uma aparente descontinuidade, mas um “emaranhado de descontinuidades sobrepostas” (FOUCAULT, 2000 [1972], p. 293).

Foucault também defende, com base no método da história serial, a noção de tempo como relacionado a durações múltiplas, que consistem numa multiplicidade de tempos que se envolvem uns nos outros. Cada uma dessas durações é portadora de um certo tipo de acontecimento. Assim, a noção de duração múltipla se opõe a ideia de um tempo único.

Por fim, Foucault defende que é possível conceber uma relação entre estruturalismo e história, a fim de propor uma nova forma de análise histórica, que permita:

[...] abandonar essa grande mitologia biológica da história e da duração. O estruturalismo, definindo as transformações, a história, descrevendo os tipos de acontecimentos e os tipos de duração diferentes, tornam possíveis

simultaneamente o aparecimento das discontinuidades na história e o aparecimento de transformações regradas e coerentes (FOUCAULT, 2000 [1972], p. 295).

Propomos aqui pensar o acontecimento histórico relacionando essa concepção de acontecimento proposta por Foucault ao que propõe Vicente (2009), no texto que passamos a resenhar a partir do próximo parágrafo.

No texto *Acontecimento Histórico e Acontecimento Comunicacional*, de Maximiliano Martin Vicente, o autor apresenta a noção de acontecimento, que é comum tanto para história tradicional quanto para os estudos da comunicação, pois ambos definem o acontecimento como “o episódio desencadeador de mudanças no *status quo* da sociedade” (VICENTE, 2009, p. 43). Segundo essa perspectiva, assumida pelo autor do texto, é preciso que o acontecimento seja relevante para que passe a ter destaque. Nesse sentido, a história e a comunicação têm o papel de construir o relato do acontecimento, e a história exerce a função de conferir cientificidade à forma de se abordar esse mesmo acontecimento.

Vicente (2009) recorre a Le Goff (1999), historiador que trata de compreender a construção de sentidos no presente. Este último, ao apontar as mudanças, as rupturas e as viradas ocorridas no transcorrer do tempo, busca explicar as dimensões envolvidas na visibilidade do fato, para que o acontecimento tenha um sentido compreensível e consistente. Vicente retoma a problematização feita por Le Goff (1999), que trata de analisar a Guerra do Golfo a partir do referencial das Cruzadas, consideradas pelo historiador como um pseudo-acontecimento. Com base nessa retomada, Vicente (2009) refaz o alerta de Le Goff, segundo o qual é necessário ter cuidado com as fontes de informação empregadas no construto histórico. Ainda segundo Vicente (2009), Le Goff defende que:

[...] a adoção de algumas preocupações como: uma leitura do presente, do acontecimento, com uma profundidade histórica ampla o suficiente para conseguir construir uma opinião fundamentada; aplicar um método crítico em relação às fontes, respeitando suas especificidades; procurar fugir da simples narrativa descritiva, oferecendo explicações interpretativas; e tentar hierarquizar alguns fatos, procurando saber distinguir o que é fato de acidente, pois assim será possível relacionar esse evento com o passado já interpretado e avaliado pelos historiadores (VICENTE, 2009, p. 45).

Vicente conclui o texto afirmando que o historiador, ao tentar reconstruir os caminhos percorridos até um momento presente, analisa as estruturas responsáveis pelo desfecho de um dado acontecimento.

Como vimos até aqui, mesmo que trabalhem com concepções teóricas distintas, Vicente e Le Goff mais alinhados a uma perspectiva marxista, para a qual a análise do acontecimento histórico teria um viés teleológico e hierarquizado; e Foucault que, com base numa concepção descontínua da história, busca identificar as relações entre os diferentes estratos de acontecimentos, esses autores têm algo em comum: analisam o acontecimento histórico a partir de um olhar cuidadoso para o dado (ou para fonte), que não deve ser tomado como um *a priori*, mas ser olhado e interpretado com base nas suas condições de emergência.

Antes da análise dos dados propriamente dita, iremos, na próxima subseção, descrever e analisar o acontecimento histórico da COVID-19, partindo, para tanto, das proposições teóricas de Foucault (2000 [1972]) e Le Goff (1999), retomado no texto de Vicente (2009), as quais apresentamos, sumariamente, nos parágrafos anteriores.

### **2.3 Análise do acontecimento histórico da COVID-19**

A pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), que se espalha no planeta desde dezembro de 2019, tem causado, no mundo, impactos no âmbito social, político, econômico e cultural. A questão de circulação de pessoas e informações durante a pandemia aparece como um problema a ser enfrentado na vida cotidiana.

O contágio acelerado e generalizado da população do mundo pela doença transmitida pelo novo coronavírus foi caracterizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como pandemia, no dia 11 de março de 2020, quando já se somavam 118 mil casos, em 114 países e 4,2 mil mortes<sup>8</sup> causadas pela COVID-19, alertando os governos para tomarem medidas urgentes. O status da doença mudou justamente pela alta taxa de transmissão do vírus e sua propagação geográfica, o que tornou, inicialmente, difícil a tarefa das autoridades de saúde de fazer qualquer prognóstico em relação à pandemia. Desde então, milhares de pessoas foram contaminadas e milhões de seres humanos morreram, por causa do vírus e do despreparo das autoridades e da sociedade em lidar com todos esses fatores.

O grande desafio da COVID-19 é que as autoridades consigam fazer a capacidade dos sistemas de saúde suportar o aumento acelerado de casos graves, tendo em vista os altos

---

<sup>8</sup> Informação obtida em Dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 10/09/2020.

índices de contágio. Os sintomas causados pelo vírus são variados, podendo ocorrer desde a forma mais branda até a forma mais grave da doença, quando há o acometimento do trato respiratório. O vírus não apresenta barreiras de faixa etária, de classe social e de sexo. No entanto, as autoridades de saúde constataram que os grupos de maior risco são os idosos e as pessoas com comorbidades, que são condições médicas prévias. Nesses casos, a doença se apresenta de forma mais severa aumentando o índice de mortalidade.

No Brasil, tivemos os primeiros casos suspeitos de COVID-19 noticiados em fevereiro de 2020 e diversas ações foram implementadas a fim de conter o avanço da doença. No dia 26<sup>9</sup> de fevereiro de 2020, tivemos a confirmação do primeiro caso de COVID-19 no Brasil, no estado de São Paulo, por um brasileiro de 61 anos de idade, que havia viajado para a Itália recentemente. No dia 22<sup>10</sup> de março, o Brasil já computava o número de 14.546 casos confirmados e 25 mortes causadas pela doença. Com a lotação rápida de leitos de UTI, medidas emergenciais foram adotadas, como, por exemplo, a construção de hospitais de campanha. Contudo, com o aumento exponencial do número de mortes, os necrotérios e cemitérios das cidades entraram em colapso e, no dia 18<sup>11</sup> de março de 2020, o país decretou estado de calamidade pública. A partir de então, o Ministério da Saúde determinou o isolamento social para toda a população brasileira, como medida de contenção das formas de contágio. Além da quarentena, foram indicadas, como medidas de prevenção, o uso obrigatório de máscaras; a lavagem das mãos ou, quando não for possível lavá-las, fazer assepsia com o álcool em gel.

O isolamento social é uma medida de contenção comunitária que reduz a taxa de reprodução do vírus, pois ajuda a controlar a eficiência de transmissão, considerando o tempo que uma pessoa permanece infectada e a quantidade de pessoas com quem ela mantém contato. Já a quarentena é uma medida restritiva de atividades ou a separação de pessoas que não estão doentes, mas que podem ter sido expostas ao vírus, com o objetivo de monitorar os seus sintomas. Tais medidas submeteram milhões de pessoas a desafios e mudanças em seus

---

<sup>9</sup> Informação obtida em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 10/09/2020.

<sup>10</sup> Informação obtida em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/22/brasil-tem-1546-casos-confirmados-de-novo-coronavirus-diz-ministerio.ghtm>. Acesso em: 10/09/2020.

<sup>11</sup> “O Congresso Nacional decreta: Art. 1º Fica reconhecida, exclusivamente para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, notadamente para as dispensas do atingimento dos resultados fiscais previstos no art. 2º da Lei nº 13.898, de 11 de novembro de 2019, e da limitação de empenho de que trata o art. 9º da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, com efeitos até 31 de dezembro de 2020, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020.” (In: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/portaria/DLG6-2020.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm)). Acesso em: 10/09/2020.

cotidianos. Embora aceito em vários países, o isolamento social não foi uma medida de aprovação unânime. O Brasil, por exemplo, foi um dos países que teve opiniões significativamente divididas em relação à medida.

Aqui, o desencontro de informações entre o Ministério da Saúde e o presidente Jair Bolsonaro, quanto às questões de isolamento, dividiu opiniões tanto na população quanto no próprio governo. Enquanto o Ministério da Saúde defendia o isolamento horizontal, a fim de restringir ao máximo o contato entre pessoas, evitando uma grande propagação da doença; o presidente Bolsonaro promovia a flexibilização dessas medidas e defendia o chamado “isolamento vertical”, que isola somente pessoas contaminadas e aquelas que se encontram no grupo de risco. A defesa do suposto isolamento vertical surgiu tendo por base o argumento de que o isolamento horizontal causaria danos maiores à economia.

Sem uma política pública unificada para o enfrentamento da crise sanitária, o Brasil colecionou índices crescentes de mortalidade. O presidente Jair Bolsonaro, desde a deflagração da pandemia de COVID-19, optou por não seguir às recomendações, relativizar a gravidade da doença e questionar as orientações da OMS. Com isso, propaga-se no país um anticientificismo que passa a estar na base do debate público acerca da pandemia. Exemplo disso é a defesa de Bolsonaro pelo uso da cloroquina/ hidroxicloroquina como um medicamento capaz de prevenir e/ou curar o coronavírus, mesmo sem amparo científico acerca da eficácia de tal procedimento. De acordo com a Sociedade Brasileira de Imunologia, “a escolha desta terapia, ou mesmo a conotação que a COVID-19 é uma doença de fácil tratamento, vem na contramão a toda experiência mundial científica com esta pandemia”<sup>12</sup>.

As sucessivas declarações anticientíficas do presidente Jair Bolsonaro estabeleceram um conflito aberto contra as autoridades sanitárias e políticas, resultando também na demissão de dois ministros da Saúde durante a pandemia. Com isso, delineou-se um quadro de caos, no qual vemos a emergência de um discurso que trata a crise sanitária de forma anticientífica, nega a força do vírus e recorre às determinações divinas para combater a doença. Podemos afirmar, portanto, que a situação que enfrentamos no país é de calamidade sanitária, crise econômica e instabilidade política.

A pandemia de COVID-19 acentuou a divisão política do país. Por um lado, apoiadores do governo Bolsonaro que se identificam e coadunam com as declarações e a forma como o presidente gere a pandemia, acentuam a produção de fenômenos sócio-

---

<sup>12</sup> Informação obtida em: <https://sbi.org.br/2020/05/18/parecer-da-sociedade-brasileira-de-imunologia-sobre-a-utilizacao-da-cloroquina-hidroxicloroquina-para-o-tratamento-da-covid-19/>. Acesso em: 15/09/2020.

políticos, como a minimização da pandemia, a banalização das mortes causadas pelo novo coronavírus, a incitação à dúvida sobre a importância das vacinas e o descrédito na ciência. Dentre esses que minimizam a pandemia, estão algumas lideranças religiosas e também fiéis que, na contramão das orientações da OMS, mostram-se contrários ao fechamento dos templos, alegando a essencialidade dos serviços religiosos. Por outro lado, temos um movimento que se diferencia das correntes conservadoras que apoiam as ações do presidente Bolsonaro. Esse movimento repudia as declarações feitas pelo presidente e cobra do governo medidas eficazes no enfrentamento da crise sanitária. Dentre eles, estão também grupos religiosos que intensificaram sua presença no debate público para cobrar do governo medidas eficazes contra o vírus.

As mídias, em geral, foram as ferramentas mais utilizadas para a divulgação das informações acerca da pandemia de COVID-19. Além de contribuir com a divulgação da ciência e a democratização da informação, as mídias, especialmente as sociais, também favorecem os movimentos de desinformação das mídias digitais e contribuíram para a guerra de informação. Por meio de *lives* em suas redes sociais, por exemplo, o Presidente da República fomentou o negacionismo científico e criou conspirações sobre a origem do coronavírus ao enunciar “ninguém sabe se nasceu em laboratório”. De acordo com Helcira Lima, que desenvolveu uma análise sobre o negacionismo, especificamente o negacionismo científico disseminado nas redes sociais, o negacionismo:

[...] tem como propósito não simplesmente revisar, passar a limpo algum evento histórico ou uma descoberta científica, mas, sobretudo, negá-los a partir de determinados valores e crenças pessoais. Há nele um desejo de fazer parecer que o tema em jogo se trata de algo falso, mentiroso, a partir de uma aparência de racionalidade. São apresentados supostos fatos, versões de obras revisadas, gráficos, artigos, no intuito de criar um efeito de algo credível. Os efeitos de real visam conferir credibilidade ao discurso (LIMA, 2020, p. 391).

Ainda segundo a referida autora:

O termo negacionismo, cuja autoria é do historiador francês Henry Rousso (2004), designa, inicialmente, a atitude de negar um fato histórico como o extermínio dos judeus da Europa pelos nazistas. Os negacionistas visam não rever ou reexaminar o fato histórico, mas falsear a história, a partir de motivações ideológicas. No caso do holocausto o que se deseja é apoiar a nostalgia do regime totalitário, a utopia eugenista de uma nação pura. Esse movimento é uma reação, é uma forma de se opor à realidade. Trata-se de uma construção argumentativa que se apoia em valores comungados por determinados grupos sociais que se mostram abertos a tais construções

discursivas, mas eles também podem visar a um público mais vasto, dependendo da pauta (LIMA, 2020, p. 394).

Essa atitude de incentivo ao negacionismo, promovida pelo governo brasileiro, por meio do presidente da República, dentre tantos outros gestos, indica um comportamento errático no sentido de deturpar a realidade e manipular a opinião pública ao minimizar os efeitos da pandemia. Tal comportamento, em articulação com mídias sociais, uma vez que muitas delas têm o uso da mentira como estratégia sistemática, potencializou ainda mais o perigo das milícias digitais que fazem circular conteúdos falsos acerca da pandemia, bem como sobre a campanha de vacinação contra a COVID-19. Desse modo, sustentados em uma ampla rede de desinformações, um grande movimento, composto sobretudo por apoiadores do governo Bolsonaro, se dedicou a negar tanto o impacto destruidor do novo coronavírus quanto as medidas de enfrentamento ao vírus. Vimos, nesse sentido, o negacionismo transformado praticamente em política pública.

O acontecimento histórico da crise sanitária de COVID-19 modificou drasticamente a rotina da população mundial, inclusive no Brasil, impactando as formas de sociabilidade e o comportamento de centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo. Trata-se de mudanças que vão desde a uma simples ida ao supermercado até as principais decisões políticas do país. Diante da necessidade de cumprir o isolamento social e de, ao mesmo tempo, manter o funcionamento da economia e das instituições, todos foram afetados e desafiados a reinventar as relações com o trabalho, com a escola, com o lazer etc. Muitos profissionais tiveram que ressignificar o uso das tecnologias, uma vez que a exigência do trabalho remoto ou *home office*, foi apresentada como uma possibilidade para a continuidade dos serviços.

Ao lado desses efeitos políticos e sociais, a postura do Presidente da República também teve implicações religiosas significativas. Exemplo disso foi o Decreto Presidencial de nº 10.292<sup>13</sup>, de 25 de março de 2020, que estabeleceu as atividades religiosas de qualquer natureza como serviço essencial para a sociedade; e também a convocação do presidente Bolsonaro para um jejum nacional como estratégia de combate à COVID-19, em abril de 2020. Enquanto os médicos e cientistas recomendavam alimentar-se regularmente para tentar manter a imunidade elevada, alguns pastores recomendavam aos fiéis o jejum e a oração para

---

<sup>13</sup>DECRETO Nº 10.292, DE 25 DE MARÇO DE 2020: Altera o Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, que regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Art. 1º O Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, passa a vigorar com as seguintes alterações: XXXIX - atividades religiosas de qualquer natureza, obedecidas as determinações do Ministério da Saúde. (In:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/decreto/D10292.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10292.htm)). Acesso em: 02/06/2020.

vencer o vírus. A campanha de jejum e oração foi mobilizada por líderes evangélicos, uma das principais bases eleitorais do atual Presidente da República, e fomentada pelo referido sujeito-político. Por outro lado, houve também religiões que defenderam medidas de segurança para conter a disseminação do vírus e ajudar a sociedade. Mas, por uma questão de recorte, não é este último o foco deste trabalho.

A pandemia de COVID-19 é marcada, também, pela inserção de lexemas no cotidiano dos brasileiros, como: pandemia, coronavírus, COVID-19, aglomeração, quarentena, isolamento social, distanciamento social, *lockdown*, *home office*, *lives*, máscara, álcool em gel, grupo de risco, assintomático, cloroquina, hidroxiclороquina, fique em casa, novo normal. Essas palavras e expressões “se encharcam dos sentidos de pandemia” (ORLANDI, 2021, p. 3) e são encontradas na estrutura discursiva quando o tema é a crise sanitária de COVID-19, pois, os sentidos não estão nas palavras ou expressões, mas funcionam, nesse caso, na relação que mantêm com o efeito-sentido de pandemia.

#### **2.4 Considerações finais da seção**

Defendemos que, como acontecimento histórico, a crise sanitária de COVID-19 pode ser descrita e narrada de diferentes formas. Contudo, para pensar a referida crise com base na ordem do simbólico, isto é, numa perspectiva discursiva, faz-se importante analisar as relações de poder que estão em sua base, os jogos ideológicos e os sentidos, tanto os que a antecederam quanto os que foram constituídos ao longo da pandemia.

Na próxima seção, objetivamos verificar, a partir de uma análise discursiva, a crise sanitária de COVID-19 como acontecimento discursivo no campo religioso, por meio da identificação das memórias que são retomadas e atualizadas nos enunciados de grupos religiosos diante da referida pandemia. Para tanto, recorreremos aos pressupostos teóricos da Escola Francesa de Análise de Discurso, especialmente aos conceitos apresentados na referida seção.

### **3 PANDEMIA DE COVID-19 COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO NO CAMPO RELIGIOSO**

#### **3.1 Considerações iniciais**

Nesta seção, apresentamos algumas considerações teóricas acerca do acontecimento discursivo da crise sanitária de COVID-19, e mostramos, no momento das análises, de que modo o acontecimento histórico da pandemia de COVID-19 se constitui também como acontecimento discursivo no campo religioso, ao instaurar uma relação tensa com a memória, construindo novos dizeres e novos sentidos nos enunciados de grupos religiosos que tratam da referida pandemia.

Nesse sentido, para fundamentar as análises apresentamos, num primeiro momento, os postulados teóricos nos quais nos baseamos para averiguar a viabilidade da hipótese segundo a qual o acontecimento histórico da crise sanitária de COVID-19 configurou-se, também, como acontecimento discursivo. Para tanto, recorreremos ao arcabouço teórico da Escola Francesa de Análise do Discurso, especificamente, aos conceitos de acontecimento histórico, acontecimento discursivo, memória e discurso, conforme apresentados em Pêcheux (2015 [1983]; 2014 [1975]; 1999 [1983]).

#### **3.2 Considerações teóricas**

Pêcheux (2015 [1983]), no livro *O Discurso: estrutura ou acontecimento*, define discurso como estrutura e acontecimento. Para tanto, o autor discute a constituição do marxismo, apresentado por ele como nova ciência régia; problematiza a noção do real, indicando a existência de dois diferentes espaços discursivos, um que representa a uniformidade lógica e outro que aponta para existência do equívoco; e inicia o texto explicando a relação entre acontecimento discursivo e memória, por meio da análise do enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] que atravessou a França no dia 10 de maio de 1981. Segundo o autor, tal acontecimento histórico (a vitória presidencial de François Mitterrand) é também um acontecimento discursivo, pois marca o “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 16). Pêcheux (2015 [1983]) mostra que há um deslocamento do enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] do domínio esportivo para a esfera política. Embora esse enunciado seja, estruturalmente, o mesmo, tanto para uma partida esportiva quanto na esfera política, no caso do resultado esportivo, ele vincula-se a um

universo logicamente estabilizado, regido por uma estrutura lógica e supostamente inquestionável (ganhou ou não ganhou), ao passo que, no espaço do acontecimento político, tal enunciado é atravessado pela opacidade da língua, dando lugar ao equívoco, ao deslizamento de sentido, possibilitando questionamentos do tipo “ganhamos o quê, como e por quê?” (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 24). É a partir do exemplo desse acontecimento, histórico e discursivo, que o autor levanta a questão teórica do estatuto das discursividades, as quais segundo ele:

Trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc.) e formulações irremediavelmente equívocas (PÊCHEUX, 2015 [1983], p.28).

De acordo com Pêcheux (2015 [1983]), a busca pela homogeneidade lógica é uma característica própria do sujeito pragmático, pois há, nesse sujeito, a necessidade de organizar as coisas dentro de um universo lógico. O autor, ao discutir as relações entre ciência, estrutura e escolástica, afirma ainda que:

Supor que, pelo menos em certas circunstâncias, há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como universo físico-humano [...], “há real”, isto é, pontos do impossível, determinando aquilo que não pode não ser “assim”, (O Real é o impossível...que seja de outro modo). Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra (PÊCHEUX, 2015 [1983], p.29, grifos do autor).

Para Pêcheux (2015 [1983]), é preciso considerar o que é da ordem da estrutura e o que é da ordem do acontecimento. E o real, que é, principalmente, da ordem do acontecimento, apesar de poder se materializar nos espaços de estabilização, pode ser definido como um lugar de “impossível”, que marca pontos de (im)possibilidade e que escapa aos discursos constituídos de “aparência logicamente estável”. Sendo assim, o domínio de técnicas das ciências da natureza lida com o real de forma a instrumentalizá-lo, buscando um conhecimento estabilizado que visa à gestão de técnicas científicas por meio de leituras e de interpretações, “implicando o uso regulado de proposições lógicas (Verdadeiro ou Falso) com interrogações disjuntivas ‘(o estado das coisas é A ou não-A)’[...]” (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 31, grifo do autor). Para o autor, conceber a ciência dessa forma é tentar homogeneizar o real ou organizá-lo dentro de um universo lógico. Contudo, ainda segundo Pêcheux:

As “coisa-a-saber” representam assim tudo o que arrisca faltar à felicidade (e no limite à simples sobrevivência biológica) do “sujeito pragmático”: isto é: tudo que o ameaça pelo fato mesmo que isto exista (o fato de que seja “real”, qualquer que seja a tomada que o sujeito em questão tenha ou não sobre a estrutura do real); não é necessário ter uma intuição fenomenológica, uma pegada hermenêutica ou uma apreensão espontânea da essência do tifo para ser afetado por essa doença; é mesmo o contrário: há “coisas-a-saber” (conhecimento a gerir e a transmitir socialmente), isto é, descrições de situações de sintomas e de atos (a efetuar ou evitar) associados às ameaças multiformes de um real do qual “ninguém pode ignorar a lei” – porque esse real é impiedoso (PÊCHEUX, 2015 [1983], p.34-35, grifos do autor).

Com isso, Pêcheux afirma que a busca por uma ciência que pudesse uniformizar o real, apesar de não ser algo possível, é um elemento que “responde aos interesses dos mestres desse mundo”, pois, “o projeto de um saber que unificaria esta multiplicidade heteróclita das coisas-a-saber em uma estrutura representável homogênea”, poderia, hipoteticamente, permitir “[...] uma auto-leitura científica, sem falha, de real)” (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 35).

Ainda pensando o discurso como estrutura e como acontecimento, Pêcheux (2015 [1983]) afirma que os discursos são atravessados por dois espaços: a) o do logicamente estabilizado; e b) o do irremediavelmente equívoco. Para o autor, é difícil determinar a fronteira entre esses dois espaços, pois há, uma zona intermediária de processos discursivos (que deriva do jurídico, do administrativo e das convenções da vida cotidiana) que impede que se possa indicar de forma precisa o limite entre esses dois espaços. Nesta região discursiva intermediária, os sentidos têm caráter oscilante, escapando à representação e às tentativas de estruturação. Isso ocorre, no que diz respeito ao nível discursivo, principalmente, devido à heterogeneidade do discurso e à sua relação com o discurso-outro.

A existência do discurso-outro, presença virtual na materialidade descritível, “marca, na materialidade discursiva, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico” (PÊCHEUX, 2015 [1983] p.54). É nesse sentido que o discurso acontece no interior de outros discursos, com os quais estabelece identificação, mas também, marca deslocamentos.

Para Pêcheux, o discurso não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais em que irrompe, mas, pelo contrário, “só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” (PÊCHEUX, 2015 [1983] p.56).

O acontecimento discursivo funciona como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 16). Dessa forma, o acontecimento passa a fazer

sentido pela atualidade que faz retorno pela memória, ou seja, as formulações fazem sentido quando o interdiscurso (memória) se encontra com intradiscurso (atualidade). E é nesse ponto de encontro que se instaura o efeito de memória, possibilitando que os sentidos deslizem e se transformem. Para o autor, o interdiscurso especifica as condições em que:

[...] um acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna no espaço potencial de uma coerência próprio a uma memória (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 49-50, grifos do autor).

Essa relação com a memória é importante não só para noção de acontecimento discursivo, mas para toda e qualquer discussão que considere o discurso. É por isso mesmo que a reflexão sobre a memória sempre esteve presente no quadro teórico da Análise de Discurso. A esse respeito, Orlandi argumenta que “é a memória que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2020 [1990, p. 29]). Ou seja, a memória se materializa no discurso. Em *Papel da Memória* (1999 [1983]), Pêcheux trata a memória:

Não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador (PÊCHEUX, 1999 [1983], p.50).

E a memória, enquanto materialidade discursiva é, ainda segundo Pêcheux, o que “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 52). Isso mostra que, para a AD, a memória discursiva pode atualizar-se em uma dada materialidade, retomando pré-construídos e implícitos “ausentes por sua presença” (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 52). É assim que os efeitos de memória ocorrem, estabelecendo, segundo Pêcheux (1999 [1983]), uma regularização discursiva por meio da paráfrase: uma espécie de substituição orientada que ocorre quando dois termos ou duas expressões são apresentados/as como termos/expressões intercambiáveis ou substituíveis “em função de um contexto dado” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 94). Para explicar melhor esse tipo de “substituição”, o autor recorre a um exemplo, apresentando as palavras “brilhante”, representada pela incógnita “x”, e “notável”, que é apresentada por Pêcheux como “y”. Ele defende que esses dois lexemas são substituíveis em alguns contextos, mas não em outros.

Vale salientar que o que é apresentado aqui como “contexto” é, para usar o próprio conceito que estamos discutindo aqui, paráfrase de “discurso”.

Ainda segundo o referido autor:

Chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e às “línguas artificiais”, em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua “natural”: em outros termos, um sistema “natural” não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos podem se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 96).

Para Pêcheux, a memória funciona, sob o peso do acontecimento discursivo novo, a partir de um jogo de forças que tanto pode instaurar a “estabilização parafrástica” do acontecimento, como também a “desregulação” e a “perturbação” dos “implícitos” (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 52). Desse modo, sob os processos da repetibilidade, a memória é reinscrita nas materialidades. A repetição, para a AD, não significa repetir dizeres, palavra por palavra, mas é da ordem da ressignificação, da movência de sentidos, pois, conforme Pêcheux, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2015 [1983] p.53). Ainda sobre a noção de repetibilidade, Indursky, destaca que “[...] se há repetição é porque há retomada/regulação de sentidos que vão constituir uma memória que é social” (INDURSKY, 2011, p. 70).

Diante desses pressupostos, é possível afirmar que os sentidos não são e nem nunca se tornarão fixos e que a regularização não é algo que se dá em um único movimento e de forma definitiva. Muito pelo contrário, há constantes modificações/deslizamentos no campo dos sentidos, sendo a regularização um ponto de um processo que é cíclico e constante. Com isso, o processo de repetibilidade tanto pode cristalizar/regularizar como, também, desviar/alterar os sentidos. É ainda Pêcheux (1999 [1983]) que possibilita compreender essa contradição ao afirmar que a memória constitui “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de deslocamentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 56).

Para tratar de acontecimento discursivo, é necessário considerar que esse movimento de repetibilidade, que conduz ao retorno e à organização da memória, permite, igualmente, “estabelecer uma ruptura com a rede de formulações à qual o enunciado está relacionado e

inaugurar uma nova rede de formulações” (INDURSKY, 2003, p. 107). Isso, porque, segundo Pêcheux:

[...] a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se projecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e proibir retrospectivamente uma outra série sobre a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 52).

O acontecimento discursivo instaura uma tensão entre os processos de repetibilidade (memória) e ruptura (novo), produzindo novos sentidos do mesmo enunciado. É nessa perspectiva que Indursky (2003) afirma que “um acontecimento discursivo rompe com a ordem do repetível, instaurando um novo sentido, mas não consegue produzir o ‘esquecimento’ do sentido-outro, que o precede”(INDURSKY, 2003, p. 107). A noção de acontecimento discursivo nos leva a considerar o pré-construído, pois, por meio do funcionamento deste, vemos como ocorre a receptibilidade, uma vez que, os elementos provenientes do interdiscurso se materializam no discurso do sujeito. Desse modo, o acontecimento discursivo da pandemia de COVID-19 não pode ser contido dentro da regularidade dos discursos tomados como uma ordem de sentidos já estabilizados.

Com base nesses postulados teóricos, compreendemos o discurso como uma estrutura historicamente determinada e também como um acontecimento, que funciona na relação entre uma memória e uma atualidade. Isso nos permite afirmar que a pandemia de COVID-19, doença do novo coronavírus, que teve início entre o final de 2019 e o início de 2020, surge como acontecimento histórico e, posteriormente, se constitui também como acontecimento discursivo, rompendo com uma estabilidade discursiva ao retomar a discussão acerca de pandemia, atualizando-a, materializando efeitos de sentido e retomando a memória discursiva, a qual se relaciona com epidemias e pandemias anteriores.

### ***3.2.1 Discurso, ideologia e sujeito: algumas considerações***

Na tentativa de elaborar uma teoria materialista do discurso, Pêcheux, em sua obra *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio* (2014 [1975]), desenvolve nas quatro partes do referido trabalho, seu objetivo de questionar as evidências fundadoras da semântica.

A problematização da relação entre discurso e ideologia configura a terceira parte da obra. Nela, Pêcheux inicia sua explicitação tratando das *condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção*. Segundo o referido autor, a luta de classes atravessa tanto a reprodução das relações de produção quanto a sua transformação, e os aparelhos ideológicos de Estado (doravante AIE), noção importada dos trabalhos de Louis Althusser, são os lugares nos quais se materializa a luta de classe. Althusser não reconhece outro sujeito, senão o da ideologia. E, ao desenvolver a tese de que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeito” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 134), Althusser abre caminhos que conduzirão Pêcheux a examinar a evidência do sujeito e do sentido, por meio de uma abordagem materialista do discurso. Embora Althusser não se interessasse particularmente pela linguagem, ele inspira Pêcheux a refletir sobre as relações existentes entre ideologia e linguagem, com base no materialismo histórico e na perspectiva de luta de classes. Ao retomar a expressão Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), Pêcheux destaca que:

A ideologia não se reproduz sob forma geral de *Zeitgeist* (isto é, o espírito do tempo, a “mentalidade” da época, os “costumes de pensamento” etc.) que se imporia de maneira igual e homogênea à ‘sociedade’ como espaço anterior à luta de classes: “os aparelhos ideológicos de Estado não são a realização da Ideologia em geral” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 130, grifos do autor).

De acordo com Pêcheux, não é possível a realização da ideologia particular para cada classe, nem a realização da ideologia da classe dominante isolada, sem a luta de classe, pois a ideologia se dá nos AIE: eles são seu lugar e meio de realização. O autor destaca ainda que, a ideologia não é uma ideia, mas uma prática. No entanto, de forma simultânea e contraditória, e não oposta, os AIE constituem tanto o lugar quanto as condições ideológicas de transformação das relações de produção. É nesse sentido que o termo *reprodução/transformação* é empregado por Pêcheux.

Ao tratar da noção de ideologia, Pêcheux retoma a tese althusseriana de que “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 2014 [1975] p. 134). Para tanto, Pêcheux apresenta duas proposições intermediárias dos estudos althusserianos que são fundamentais para articular a questão da ideologia à questão do sujeito: 1) “só há prática através de e sob *uma* determinada ideologia”; 2) “só há ideologia pelo sujeito e para sujeito” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 135, grifos do autor). O termo *Ideologia* (com “i” maiúsculo) refere-se ao funcionamento da ideologia em geral, a que nos interpela como sujeitos, e funciona em relação ao termo utilizado na primeira proposição, “uma Ideologia”, por isso, Pêcheux afirma que: “o artigo indefinido leva a pensar na pluralidade diferenciada da

instância ideológica sob a forma de uma combinação (todo complexo dominante) de elementos onde cada um *é uma formação ideológica*” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 135, grifos do autor).

Já a segunda proposição retoma a tese central segundo a qual “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 134). Dessa forma, segundo Pêcheux, “o conceito de Ideologia em geral permite pensar ‘o homem’ como ‘animal ideológico’, isto é, pensar sua especificidade enquanto parte da natureza” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 138). Levando em conta a luta de classes como um motor que movimenta a história, Pêcheux estabeleceu a articulação entre ideologia e inconsciente com base no pensamento freudiano, relido por Lacan. De acordo com o autor:

O caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências “subjetivas”*, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas, “nas quais se constitui o sujeito” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 139, grifos do autor).

A afirmativa acima indica que o sujeito se constitui na e pela dissimulação do real, por meio das estruturas funcionamentos. Nessa perspectiva, a evidência de que o sujeito é dono de si e a evidência do sentido enquanto existente em si mesmo apontam, ainda segundo Pêcheux, para a necessidade de uma teoria materialista do discurso.

O autor defende que o indivíduo, para se constituir em sujeito do discurso, é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, produzindo, assim, a ilusão da autonomia do dizer. Portanto, sujeito e sentido são constituídos de forma relacional. Pêcheux afirma ainda que é a ideologia que fornece as evidências que fazem com que “um enunciado ‘queira dizer o que realmente diz’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’ aquilo que chamaremos de *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 146, grifos do autor). Tal caráter material depende, constitutivamente, do todo complexo das formações ideológicas. Pêcheux especifica essa dependência por meio de duas teses. A primeira delas consiste em afirmar que:

O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe em si mesmo, isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico (PÊCHEUX 2014 [1975], p. 146, grifo do autor).

De acordo com essa perspectiva, o sentido não é livre e não é da ordem da obviedade. Desse modo, o sentido das palavras não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas afetadas no processo sócio-histórico, ou seja, o sentido relaciona-se com as formações ideológicas nas quais as diferentes posições-sujeito se inscrevem, pois, para AD, o sujeito é posição.

De acordo com Orlandi (1999), a partir da subjetividade, podemos observar os sentidos que estão em jogo em uma dada posição-sujeito. A autora nos lembra ainda que “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 11).

A interpelação é historicamente determinada e, por isso, o sentido se constitui no interior das formações discursivas. Pêcheux define formação discursiva, como:

Aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 147, grifos do autor).

Na segunda tese, Pêcheux defende que:

Toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência em relação ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2014 [1975], p.148 -149).

Pêcheux propõe chamar de interdiscurso o “todo complexo com dominante” (PÊCHEUX, 2014 [1975] p. 148-149). Trata-se de um conjunto de formações discursivas em que uma é dominante, que se submete “à lei de desigualdade – contradição – subordinação” (PÊCHEUX, 2014 [1975] p. 149), caracterizando o complexo das formações ideológicas, ou seja, todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica fundada pela contradição. Isso significa que o dizer de um sujeito inscreve-se, por identificação, em uma formação discursiva determinada, para produzir o discurso materializado no dizer desse sujeito, sob a ilusão de que os saberes que sustentam seu dizer se originam nele mesmo, quando, de fato, os saberes representam já-ditos produzidos em outros discursos. Assim, o sujeito é constituído no processo da interpelação pela ideologia, e pela identificação com uma formação discursiva. Dessa forma, a ideologia produz a ilusão de transparência do sentido e a FD regula o que pode ou não ser dito em uma determinada conjuntura.

O discurso dos sujeitos depende, assim, do interdiscurso, que fornece elementos pré-construídos que o sustentam. Isso reforça o fato de Pêcheux postular que a objetividade material contraditória do interdiscurso “reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’” (PÊCHEUX, 2014 [1975] p.149). Nesse sentido, o autor apresenta duas partes constitutivas do interdiscurso, sendo a primeira o pré-construído e a segunda a articulação. Nas palavras do autor:

O “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso aquilo que determina a dominação da forma-sujeito (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 151).

Pêcheux ressalta que o processo de articulação se relaciona diretamente com o discurso-transverso. Nesse caso, ainda conforme o referido autor:

O interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 154).

Desse modo, os elementos do interdiscurso de uma formação discursiva são retomados no discurso do sujeito. Pêcheux defende também que o interdiscurso determina o intradiscurso, processo que permite ao sujeito a atualização do já-dito e, com isso, a relação com a forma-sujeito.

O autor em tela define como forma-sujeito o resultado do processo de incorporação e, simultaneamente, de dissimulação, em que o sujeito se identifica com uma formação discursiva, absorvendo os elementos do interdiscurso no intradiscurso. Esse processo permite que:

A marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade” tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 159).

Com isso, o indivíduo assume uma posição e passa a enunciar como sujeito da enunciação de seu ato de linguagem, isso é como sujeito-falante, ideologicamente marcado, que acredita na ficção de um sujeito originário desse ato e permite o retorno do Sujeito no

sujeito. Nesse sentido, é o Sujeito quem fala nos sujeitos interpelados pela ideologia. Tal sujeito é afetado pelo esquecimento, sob a ilusão de autonomia de seu ato de fala e enuncia como se fora fonte de seu dizer e dos sentidos.

Sobre o processo de interpelação ideológica, Pêcheux (2014 [1975]) propõe três modalidades discursivas do funcionamento subjetivo. Isto é, segundo o autor, a interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso supõe o desdobramento do sujeito em sujeito da enunciação e sujeito universal, podendo assumir, segundo o autor, três modalidades de tomadas de posição: identificação, contra-identificação e desidentificação.

A identificação remete ao que Pêcheux designou de superposição que corresponde a um recobrimento entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, “de modo que a ‘tomada de posição’ do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do ‘livremente consentido’” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 199). Trata-se do discurso do bom sujeito.

A contra-identificação remete ao que Pêcheux caracterizou como sendo o mau-sujeito que é aquele que se contrapõe à forma-sujeito que regula os saberes da FD com a qual o sujeito do discurso se identifica, o que se dá “por meio de ‘uma tomada de posição’ que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) com respeito ao que o ‘sujeito universal’ lhe ‘dá a pensar’” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 199). Trata-se da modalidade de tomada de posição que coloca o sujeito do discurso na posição de mau sujeito.

A terceira modalidade é o processo de desidentificação, isto é, haveria, nesse caso, uma tomada de posição não subjetiva que se caracteriza “pelo fato de que ela integra o efeito das ciências e da prática política do proletariado sobre a forma-sujeito” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 201). Isto é, trata-se de uma tomada de posição não subjetiva que se realiza a partir de conceitos científicos e da identificação com as práticas política de tipo novo. Desse modo, o sujeito do discurso se desidentifica com uma FD em que estava inserido, rompendo com o domínio de saberes a ela relacionados e se identifica com outra forma-sujeito e sua respectiva FD. Porém, posteriormente, Pêcheux (2014 [1978]), no texto *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, retoma a questão do processo de desidentificação e propõe uma retificação acerca desse processo e sobre a noção de ideologia, conceitos que ele apresentou em *LesVérités de La Palice (Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio)*. Pêcheux, em seu texto de retificação, reconhece que “levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha” foi, “precisamente algo que falhou em *LesVérités de La Palice*” (PÊCHEUX, 2014 [1978], p. 276, grifos do autor). Ele fundamenta sua crítica ao seu texto de (2014 [1975]), afirmando que:

Só há causa daquilo que falha (J.Lacan). É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se ‘manifesta’ incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação *sentido/non-sens* do sujeito dividido (PÊCHEUX, 2014 [1978], p.277, grifos do autor).

Para Pêcheux (2014 [1978]), o que ele considerava como desidentificação em (2014 [1975]) consistia no deslocamento de uma forma-sujeito para outra, fazendo com que esse sujeito se inscrevesse em outra FD. Contudo, Pêcheux (2014 [1978]) considera indispensável acrescentar que o deslizamento de sentido “não desaparece sem deixar traços no sujeito-ego da ‘forma-sujeito’ ideológica” (PÊCHEUX, 2014 [1978], p. 277), pois não há ritual sem falhas. Contudo, o que Pêcheux propõe mostrar em seu texto de 1978 é que o sujeito não se constitui apenas pela interpelação ideológica, mas também pelo inconsciente. Por isso, não existe desidentificação nem identificação plena, afinal é preciso considerar o lapso, a falha constitutiva. Nesse sentido, por ser o sujeito cindido, dividido, clivado, isso o impede tanto de estar totalmente identificado quanto de se tornar plenamente desidentificado.

Considerando a relação que existe entre sujeito e sentido, e que para existir sentido é preciso que a interpelação ideológica constitua o sujeito discursivo, é importante considerar que a noção de social é ressignificada pela AD, deixando de ser um traço meramente sociológico, empírico, e passando a ser significada e funcionando no discurso pelas formações imaginárias que permitem “passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso” (ORLANDI, 2020 [1990], p. 38). É a imagem que se faz de algo, de alguém ou de um acontecimento que funciona no interior do processo discursivo. Sobre esse mecanismo, Pêcheux (2014 [1975]) postula que todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias. Para o autor “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX 2014 [1975], p. 82, grifos do autor).

Com base nos pressupostos apresentados acima, destacamos que o sujeito de que tratamos neste trabalho não é o indivíduo, o sujeito empírico, aquele que se constitui como origem do que pensa e do que diz. O sujeito de que tratamos aqui é o do discurso, o sujeito enquanto posição. Nesse caso, o que nos interessa é identificar as posições ocupadas pelos sujeitos religiosos no contexto da pandemia de COVID-19 e os efeitos de sentido que se instauram no processo discursivo em circulação. Nesse processo, sujeitos religiosos que, por

meio de seus enunciados, inscrevem-se em determinadas formações discursivas, buscam, de alguma forma, garantir que seus gestos de interpretação, acerca da referida crise, sejam dominantes.

Feitas essas considerações, analisamos, na próxima seção, os dados, os quais indicam que o acontecimento histórico da pandemia de COVID-19 se constitui como acontecimento discursivo também no campo religioso, ao instaurar uma relação tensa com a memória, construindo novos dizeres e novos sentidos nos enunciados de grupos religiosos que tratam da referida pandemia. Analisamos, ainda, quais efeitos-sentido e quais posições-sujeito estão materializados nos discursos desses sujeitos religiosos acerca da crise sanitária de COVID-19. No segundo momento da próxima seção, analisamos quais efeitos-sentido e quais posições-sujeito estão materializados nos discursos de grupos religiosos contrários ao fechamento dos templos.

### **3.3 Análise do acontecimento discursivo da COVID-19**

O objetivo desta subseção é analisar excertos de textos que discursivizam a crise sanitária de COVID-19, buscando verificar como se constituem as relações de sentido entre os discursos que abordam a referida crise sanitária e o discurso religioso. Para tanto, partimos da constatação de que, durante a pandemia, declarações de sujeitos religiosos tiveram ampla circulação. Tais sujeitos buscavam de alguma forma, garantir seus gestos de interpretação, acerca da referida crise, como dominante e acabaram por produzir uma vasta materialidade significativa passível de análise. Nesse sentido, optamos por apresentar, além de publicações da grande mídia, textos publicados pelas próprias instituições religiosas.

A partir dos pressupostos teóricos apresentados, analisamos 26 (vinte e seis) excertos de textos que discursivizam a crise sanitária da COVID-19 e que foram publicados em mídias digitais. Por meio das análises, objetivamos indicar como se dá a relação discursiva entre memória e atualidade nas formulações que constituem esse *corpus*.

A escolha pelas mídias digitais se deu pela facilidade de acesso aos dados e pela velocidade com que tais médiuns disseminaram informações acerca da referida crise sanitária. No *corpus* coletado para a análise desta subseção, identificamos a relação da pandemia de COVID-19 com outras pandemias ocorridas anteriormente. Identificamos também que a crise sanitária de COVID-19 produziu deslizamento de sentidos, de modo a instaurar uma nova rede de formulações no campo religioso.

O excerto a seguir é um exemplo dessa tentativa de estabelecimento de relação entre a pandemia de COVID-19 e outras epidemias e/ou pandemias.

**Exceto 1:** Pandemias na história: o que há de **semelhante** e de **novo** na COVID-19. Desde janeiro de 2020, a crescente proliferação do novo Coronavírus transformou-se em um dos maiores desafios da humanidade. Entretanto, **lidar com uma pandemia infecciosa de proporções continentais e mundiais não é algo recente na história** (SANARMED, 08/04/2020, grifos nossos).

O excerto 1 é parte de um artigo publicado por um site que tem como objetivo apresentar conteúdos para profissionais da área de saúde. O título do texto é “Pandemias na história: o que há de semelhante e de novo na COVID-19” e já indica um efeito da memória sobre a atualidade, pois estabelece uma relação entre a pandemia de COVID-19 e outras pandemias registradas pela história. No excerto, as expressões “semelhante” e “novo” marcam, na língua, o encontro entre uma atualidade e uma memória. O uso do lexema “semelhante” relaciona a pandemia de COVID-19 com outros eventos pandêmicos, e o termo “novo”, além de qualificar a pandemia de COVID-19, indica que o atual acontecimento pandêmico já ocorreu em outros momentos da história, remetendo, portanto, a outros cenários de caos que, assim como o atual, abalaram a humanidade. Isso se mostra também na formulação “lidar com uma pandemia infecciosa de proporções continentais não é algo recente na história”. Por um lado, instaura-se algo que é novidade no atual evento pandêmico, como já indicado pela expressão “novo”, destacada no primeiro período do excerto. Mas, por outro lado, o advérbio de negação “não”, em “não é algo recente na história” funciona como uma forma de contrapor-se a um pré-construído segundo o qual a pandemia de COVID-19 seria um evento inédito enfrentado pela humanidade. Nesse caso, emerge um efeito-sentido segundo o qual há um esquecimento por parte da população acerca de outras ocorrências pandêmicas. Vejamos, agora, os próximos dois excertos:

**Excerto 2:** A Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) é uma doença causada por um coronavírus da família SARS. O primeiro caso de SARS ocorreu em 2003 em um surto na China e se propagou por países vizinhos. Foi a primeira doença altamente transmissível do século. A SARS teve letalidade de 3% e foi **controlada com medidas de segurança** em 2003. **Com isso, os estudos para o desenvolvimento de uma vacina foram sendo deixados de lado** (BUTANTAN.GOV, 31/08/2021, grifos nossos).

**Excerto 3:** Alguns anos depois, **porém**, com a pandemia da Covid-19, causada por outro coronavírus, **os estudos do imunizante foram**

**retomados, permitindo o desenvolvimento rápido de vacinas contra o SARS-CoV-2**(BUTANTAN.GOV, 31/08/2021, grifos nossos).

Vemos, no excerto 2, que a doença SARS é apresentada como algo que pode ser controlado “com medidas de segurança”. Essa informação de que a SARS “foi controlada com medidas de segurança” retoma a memória da COVID-19 e atualiza os dizeres, produzidos na atualidade, segundo os quais “medidas de segurança” podem ajudar a controlar essa pandemia, assim como aconteceu na pandemia de SARS ocorrida em 2003. Além disso, a formulação “com isso, os estudos para o desenvolvimento de uma vacina foram sendo deixadas de lado” provoca uma ruptura com a memória da doença SARS em relação à COVID-19, instaurando o novo por meio do operador argumentativo, “porém” e da formulação “os estudos do imunizante foram retomados, permitindo o desenvolvimento rápido de vacinas contra o SARS-CoV-2”. O efeito-sentido produzido é de que, apesar de haver fatores que aproximam as duas pandemias, na pandemia atual, os estudos, que tinham sido deixados de lado, na anterior, foram retomados e avançaram até o desenvolvimento de vacinas criadas para combater o vírus SARS-CoV-2<sup>14</sup> e evitar o agravamento da doença COVID-19. A *Revista Veja*, de 23 de março de 2020, também discursiviza sobre as semelhanças entre a COVID-19 e outras pandemias do passado, como indicam os excertos a seguir.

**Excerto 4:** A historiadora Christiane Maria Cruz de Souza, do Núcleo de Tecnologia em Saúde do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, levanta ainda outro **ponto em comum entre a gripe espanhola e a Covid-19**. “**A liturgia das grandes epidemias é sempre muito parecida. Primeiro, as autoridades negam que ela existe**, uma vez que é algo desconhecido e com potencial de abalar a economia e os sistemas de saúde. **Muitos dos discursos das autoridades no início da pandemia de 1918 se assemelham ao que vemos hoje**”, compara (VEJA, 23/03/2020, grifos nossos).

O excerto 4 apresenta a declaração de uma historiadora que trata o “ponto em comum entre a gripe espanhola e a COVID-19”. Essa formulação já indica um pré-construído

---

<sup>14</sup>“O SARS-CoV foi identificado em 2003 como a causa de um surto de síndrome respiratória aguda grave (SARS) que começou na China aproximadamente no fim de 2002. Os sintomas de SARS lembram os de outras infecções virais respiratórias mais comuns, mas são mais graves. Eles incluem febre, dor de cabeça, calafrios e dores musculares, seguidos de tosse seca e, às vezes, dificuldade para respirar. A maioria das pessoas se recuperou em uma a duas semanas. Entretanto, algumas desenvolveram grave dificuldade respiratória e cerca de 10% morreram” (In: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/v%C3%ADrus-respirat%C3%B3rios/coronav%C3%ADrus-e-s%C3%AAdndromes-respirat%C3%B3rias-agudas-covid-19-mers-e-sars>). Acesso em: 10/01/2022.

segundo o qual há uma relação entre as referidas pandemias. O termo “liturgia” retoma uma memória sobre o sentido de “liturgia”, que está ligado ao discurso religioso e à ideia de rituais. Nesse caso, há a materialização de um efeito-sentido segundo o qual a pandemia de COVID-19 apresenta-se como algo que foi presenciado anteriormente e indica que algumas de suas características retomam os saberes de outras pandemias. Os pontos “em comum” entre as pandemias, que são da ordem do repetível, como mostram as formulações “primeiro, as autoridades negam que ela existe” e “muitos dos discursos das autoridades no início da pandemia de 1918 se assemelham ao que vemos hoje”, estabelecem uma relação comparativa da postura adotada pelo sujeito político Bolsonaro com a política negacionista também ocorrida durante a pandemia da gripe espanhola, atualizando uma memória que vincula o discurso negacionista do atual presidente ao discurso político negacionista presente também em outras pandemias. Nesse sentido, a pandemia de COVID-19 é discursivizada como um evento que se assemelha a outras pandemias anteriores, inclusive no que se refere a ações políticas equivocadas. Os excertos a seguir também estabelecem uma relação entre a COVID-19 e outras pandemias. Vejamos.

**Excerto 5:** Nos últimos cem anos, **o mundo enfrentou diversas pandemias de contágio respiratório – como a gripe espanhola, em 1918, a gripe asiática, em 1957, e a SARS, em 2003. Ainda assim, o SARS-CoV-2, que surgiu em 2019 na China, mostrou como somos vulneráveis a uma doença global** (BUTANTAN.GOV, 01/10/2021, grifos nossos).

**Excerto 6:** Se você comparar os relatos que tínhamos e os relatos que temos hoje, **muita coisa continua igual. A gente tinha aqueles que prometiam curas milagrosas, remédios infalíveis, as autoridades que não sabiam mais o que fazer, a revolta com o uso de máscaras,** explica a diretora técnica (BUTANTAN.GOV, 01/10/2021, grifos nossos).

Nos excertos 5 e 6, são apresentadas outras pandemias que antecederam a crise sanitária de COVID-19, retomando a memória de outros eventos pandêmicos. Para isso, o texto apresenta enunciados que tornam presentes pandemias anteriores, retomando uma memória segundo a qual “o mundo enfrentou diversas pandemias de contágio respiratório”. A relação da pandemia de COVID-19 com outros eventos pandêmicos, marcada linguisticamente nas formulações “ainda assim a SARS-CoV-2 [...] mostrou como somos vulneráveis a uma doença global” (5) e “muita coisa continua igual” (6) inscreve, por um efeito da memória sobre a atualidade, a crise sanitária de COVID-19 como um acontecimento discursivo. A memória sobre outras pandemias também é atualizada pelos enunciados “curas milagrosas”, “remédios infalíveis”, “autoridades que não sabiam mais o que fazer”, “revolta

com o uso de máscaras”, que fazem um paralelo com um século anterior e mobilizam sentidos já ditos sobre outras pandemias.

O excerto a seguir é parte de um artigo publicado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), portanto, marca um outro lugar discursivo – o do discurso religioso - que também produziu enunciados acerca da crise sanitária da COVID-19. Vejamos.

**Excerto 7:** É inegável que as redes sociais tenham recebido um impulso inesperado desta **praga do COVID-19**. Nestes dias de fechamento de nossas igrejas e cancelamentos de tantas atividades pastorais, **surgiu uma nova forma da Igreja doméstica, da Igreja do lar** que aprendeu a ser uma comunidade viva, unida e orante, **porém de forma virtual. É o novo modo de evangelização** na cultura urbana. **É um sinal dos novos tempos modernos: comunidade virtual** (CNBB, 22/04/2020, grifos nossos).

O excerto 7 apresenta a declaração do Bispo de Jundiaí, Dom Vicente. Nela, ele destaca a necessidade, diante do quadro pandêmico, de estabelecer uma relação entre o Evangelho de Jesus Cristo e a tecnologia digital. No primeiro período desse excerto, a COVID-19 é apresentada como “praga”. Nesse caso, está em funcionamento uma memória sobre os sentidos de praga, que estão ligados ao discurso religioso sobre a narrativa bíblica das 10 pragas do Egito<sup>15</sup>. A crise sanitária de COVID-19 é discursivizada como uma “praga”, que retoma sentidos ligados ao discurso religioso e materializa um discurso anticientífico. Desse modo, “praga do COVID-19” produz o efeito-sentido de maldição, de castigo de Deus sobre a humanidade. E esse deslizamento de sentido faz ressoar, por meio da memória, os saberes sobre praga, projetados sobre a COVID-19. Nesse sentido, há nesse excerto uma ruptura com o saber científico acerca da referida crise sanitária, emergindo, desse modo, um discurso anticientífico sobre o atual evento pandêmico.

---

<sup>15</sup> De acordo com a narrativa bíblica: “Essas terríveis pragas tinham por objetivo conduzir Faraó ao arrependimento e revelar que Yahweh é o único verdadeiro Deus, o Rei soberano no universo. O termo Faraó era o título dado ao rei do Egito, e ele se autointitulava “filho de Rá”, como um deus. Além do deus falso Rá, os egípcios criam em um panteão de outros deuses que eram tidos como os responsáveis pela vida, fertilidade, imortalidade, etc. Sendo que os israelitas foram reduzidos à escravidão por muitos anos, os egípcios, por meio do seu contato com eles, tiveram uma oportunidade de conhecer sobre o verdadeiro Deus. As orações dos israelitas, que clamavam por libertação da opressão, haviam ascendido aos céus e Yahweh os ouviu. Moisés e Arão eram irmãos e foram enviados por Deus para anunciar os juízos iminentes que cairiam sobre o Egito caso Faraó e seus oficiais não permitissem que os hebreus saíssem para adorar o Senhor no deserto. Um dos objetivos das 10 pragas era revelar a grandeza, o poder e a soberania de Yahweh como único e verdadeiro Deus em contraste com as falsas deidades egípcias. Faraó devia reconhecer e confessar que o Deus dos hebreus era supremo e que o Seu poder estava acima do rei do Egito e da nação que ele governava (Êxodo 9:16; 1 Samuel 4:8). As pragas foram juízos contra os egípcios, seus deuses e sua falsa religião (Êxodo 12:12)” (In: <https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/o-que-representavam-as-10-pragas-do-egito-e-quais-sao-os-deuses-que-estao-relacionados-com-elascd/> ). Acesso em: 12/06/2022.

Nesse excerto, vemos, na expressão “uma nova forma de igreja doméstica, da igreja do lar”, o uso do adjetivo “nova”, que indica algo que é novidade na rotina das comunidades cristãs, em decorrência do acontecimento pandêmico, e um modo diferente de formulação sobre a igreja (templo)<sup>16</sup>. O templo religioso que é, segundo a fé cristã, o lugar de comunhão com Deus, perde a sua utilidade prática, e a “casa” e o “lar” assumem o lugar dessa comunhão. Vemos, nessas formulações, que há, em alguma medida, uma ruptura com uma memória segundo a qual o templo é a casa do Senhor e que produz o efeito-sentido de que o lugar de comunhão com Deus é a igreja. Ao mesmo tempo, as formulações “igreja doméstica” e “igreja do lar” retomam uma memória segundo a qual Deus não habita em templos feitos por homens<sup>17</sup>.

Outro aspecto interessante é observar que tais formulações indicam que há a instauração de dois efeitos-sentido acerca de igreja: a igreja (templo), casa do Senhor, edifício sagrado; e a igreja<sup>18</sup> (povo), povo de Deus, Corpo de Cristo. Podemos verificar que ambas mantêm a mesma forma linguística “igreja”, mas com efeitos-sentido diferentes. Dessa forma, o excerto nos mostra que a materialidade linguística de “igreja do lar” e “igreja doméstica” produz o efeito-sentido de igreja (povo), rompendo com os sentidos materializados no enunciado igreja (templo). Neste sentido, “estamos, pois, face a uma ruptura que é feita sobre a deriva dos sentidos, a partir de uma mesma forma linguística que produz duas materialidades discursivas diferentes” (INDURSKY, 2003). Desse modo, os sentidos de igreja deslizam, se transformam e se resignificam.

Cabe lembrar também que, antes do acontecimento pandêmico, ficar em casa aos domingos de cerimônia, cultos sagrados, não era bem visto por parte da igreja (instituição), uma vez que para estar em comunhão com Deus é necessário que os membros frequentem a casa do Senhor. No entanto, dentro do contexto pandêmico, um novo enunciado acerca do “lar” passou a produzir sentidos. Agora, o lar produz o efeito-sentido de templo, de lugar de

---

<sup>16</sup> “O templo é a casa do Senhor. Os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias frequentam o templo regularmente para adoração. Dentro desse edifício sagrado, os membros fiéis da Igreja fazem promessas a Deus, sentem Seu Espírito e se aproximam Dele por meio de cerimônias sagradas chamadas ordenanças” (In: <https://www.vindeacristo.org/artigos/o-que-acontece-nos-templos-da-igreja>). Acesso em 12/06/2022.

<sup>17</sup> Segundo o versículo bíblico: “O Deus que fez o mundo e tudo que o que nele existe, sendo Ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas” (Atos 17:24).

<sup>18</sup> “A Igreja é o Corpo de Cristo. É preciso entender que quando celebramos a ceia, comemos do pão e bebemos do cálice, fazemos parte do Corpo. A Igreja não é simplesmente o que muitas vezes é pregado, que ela é o templo ou prédio onde se reúnem os irmãos. Não existe nada mais belo sobre a face da terra do que a Igreja. Ela é o Corpo de Cristo, a noiva do Senhor. Nós somos a Igreja do Senhor” (In: <https://www.otempo.com.br/opiniaopastor-marcio-valadao/a-igreja-corpo-de-cristo-1.772853>). Acesso em: 12/06/2022.

comunhão e encontro com Deus. Com isso, associa-se à expressão lar as formulações “igreja do lar” e “igreja doméstica”.

Ainda no excerto 7, vemos que o operador argumentativo, “porém”, na formulação, “porém de forma virtual”, além de estabelecer uma oposição entre “que aprendeu a ser uma comunidade viva, unida e orante” e a formulação “de forma virtual”, marca a instauração de outra nova forma de se conectar com o divino. Com isso, vimos, também, o atravessamento do discurso tecnológico, uma vez que “o novo modo de evangelização” passou a ser discursivizado “de forma virtual”. Assim, a Internet apresenta-se como ferramenta imprescindível para que “igrejas domésticas” se conectem entre si, unindo pessoas, grupos, comunidades para orar e manter a comunhão com Deus.

Outro dado interessante é a formulação “é um sinal dos novos tempos modernos: comunidade virtual”. O efeito dessa construção materializa uma relação, por meio da memória, com o pré-construído segundo o qual a internet representa um dos sinais do fim dos tempos. Tal formulação indica que “sinal de novos tempos” parafraseia “sinal do fim dos tempos”. O enunciado “sinal de novos tempos” pode ser desdobrado em paráfrase como: *o uso da tecnologia/internet representa uma boa nova e não é um sinal do fim dos tempos*. Assim, um efeito de sentido é tomado por outro efeito de sentido, indicando que ocorreu um deslizamento de sentidos, instaurando um movimento de contra-identificação com os saberes para os quais a internet representa um dos sinais do fim dos tempos, inscritos no discurso escatológico. E, vinculada a esse deslizamento de sentido, ressoa a memória de demonização do uso da internet feita pela igreja num dado momento e tal memória é projetada no enunciado “sinal de novos tempos”. Desse modo, “estamos face à memória discursiva, que faz ressoar, desde sua existência vertical, o *efeito de memória*. Trata-se, pois, de uma presença-ausente que, por isto mesmo, se faz pressentir, mais que ouvir” (INDURSKY, 2013, p. 105). Ainda segundo Indursky:

*A existência vertical dos enunciados e sua capacidade de serem repetidos é explicada pela noção de estrutura. Os saberes pré-existentes ao discurso do sujeito encontram-se no interior de uma estrutura vertical, seja ela a FD que afeta o sujeito do discurso ou o interdiscurso. Dito de outra forma: ao inscrever seu discurso na ordem da repetibilidade, o sujeito produz um duplo movimento (INDURSKY, 2013, p. 105).*

Nesse sentido, é o efeito de memória que permite ao sujeito materializado no/pelo enunciado retomar e reconfigurar o efeito-sentido de “fim dos tempos”.

O excerto 7 apresenta novas formulações sobre a igreja, o lar, a comunhão com Deus, o espaço virtual, a comunidade, que passou a funcionar fazendo trabalhar o acontecimento “em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar” (PÊCHEUX, 2015, p. 19). Desse modo, “lar” passou a significar igreja (templo) e os membros dessa igreja são, agora, a “comunidade virtual”. Vejamos, agora, o próximo excerto que também é parte de uma publicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

**Excerto 8:** Recentemente, **mergulhamos no mundo digital de um modo inédito** e num ritmo acelerado, na tentativa de exercer **a missão de evangelizar** [...] **A internet entrou no horizonte de prioridades de nossas ações**, oferecendo um **novo** mundo de possibilidades e nos alertando para o desafio de um **novo** diálogo de evangelização (CNBB, 04/05/2020, grifos nossos).

No primeiro período do excerto 8, vemos, na formulação “mergulhamos no mundo digital de um modo inédito”, a materialização do discurso segundo o qual o acontecimento da pandemia de COVID-19 inaugura uma nova forma de “evangelizar”. O adjetivo “inédito” é usado para qualificar o modo como a tecnologia digital ressignificou a forma de “exercer a missão de evangelizar”, produzindo o efeito-sentido segundo o qual tal evento nunca foi vivenciado na história da comunidade cristã. Esse efeito-sentido é reforçado na formulação “a internet entrou no horizonte de prioridades de nossas ações”, pois, por meio do verbo “entrar”, produz-se o efeito-sentido de que, anteriormente, a internet não fazia parte das prioridades das ações da comunidade religiosa. As formulações citadas indicam, portanto, que o acontecimento pandêmico instaura um novo, que é algo que não se mostrou em outros momentos. Vejamos os próximos excertos.

**Excerto 9:** Certo é que **neste tempo de pandemia as redes sociais tornaram-se um abençoado instrumento** pelo qual chega a milhões de pessoas o conforto, a amizade, a companhia, a solidariedade e a Palavra de Deus para alimentar a fé e a esperança (CNBB, 07/02/2020, grifos nossos).

**Excerto 10:** As **comunidades virtuais** se fortaleceram e, por causa do distanciamento social e isolamento; milhões de pessoas se mantêm em comunhão e fieis em seu vínculo com a própria comunidade. **A Igreja doméstica** está se fortalecendo. Uma **nova modalidade** de encontros e presenças **está se consolidando** profundamente **nesse tempo de pandemia através da virtualidade** (CNBB, 07/02/2020, grifos nossos).

**Excerto 11:** **Graças à internet**, com as mais variadas mídias digitais e explorando a modalidade virtual, **neste tempo de pandemia a evangelização está assumindo outra roupagem**, explorando **nova**

**linguagem**, ampliando a oferta de serviços para alimentar a fé dos fiéis e atingindo fronteiras sem controle (CNBB, 07/02/2020, grifos nossos).

Os excertos 9, 10 e 11 também fazem parte de publicações feitas por bispos, no site oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). As expressões “nesse tempo de pandemia”, apresentadas nos excertos 9,10e 11 produzem o efeito-sentido de ruptura com uma “normalidade”, vivenciada antes da pandemia de COVID-19. Nesse sentido, os excertos indicam que a formulação “nesse tempo de pandemia” pode ser desdobrada, por exemplo, na paráfrase “novo normal”, pois o acontecimento pandêmico desregula essa memória de normalidade, no campo religioso, já que, pelos efeitos estabilizados pela memória discursiva, a experiência religiosa se dá em templos sagrados, por meio do contato físico entre pessoas que professam a mesma fé. Desse modo, o lugar do sujeito-religioso passa a ser ressignificado em uma “nova modalidade” (10), nova “roupagem” (11), “nova linguagem” (11), em uma “igreja doméstica”, através da “virtualidade” (10), “graças à internet” (11).

No excerto 9, a mídia digital é apresentada como um “abençoado instrumento digital”. Desse modo, está em funcionamento uma memória acerca dos sentidos de “benção”, os quais relacionam esse termo ao lugar do favor de Deus, de uma dádiva. Isso produz o efeito-sentido segundo de que a mídia digital surge como um presente enviado por Deus, em meio ao acontecimento pandêmico, para executar a missão de enviar até “as comunidades virtuais” (10), a “palavra de Deus”. Há, nesse sentido, um jogo interdiscursivo que indica que os hábitos do passado se reconfiguraram a partir do acontecimento pandêmico. É nesse sentido que Pêcheux afirma que há “um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento” (PÊCHEUX, 1999, [1983], p. 53). Com isso, vemos que o uso da Internet, das mídias digitais e redes sociais é visto como um elemento que marca o acontecimento discursivo da pandemia, no campo religioso, pois rompe e desregula a memória do discurso sobre o mundo virtual (diabolização), do discurso sobre o lugar de evangelização e de comunhão com Deus e do discurso sobre igreja (templo). Os excertos abaixo fazem parte de publicação no site oficial da IURD, que tem como título “Coronavírus alerta para mais um sinal do Fim dos Tempos”.

**Excerto 12: Um dos sinais do Fim dos Tempos é a aparição de novas doenças capazes de dizimar a população mundial.** O Senhor Jesus, quando falava sobre os sinais que antecederão ao fim, aos discípulos, **afirmou que doenças estariam presentes.** [...] É fundamental que o ser humano esteja **preparado para o momento em que o Senhor Jesus voltará e o fim do mundo acontecerá. Para se preparar, participe de uma reunião em uma Universal**, nesta quarta-feira, na Escola da Fé Inteligente, e **mantenha sua salvação em dia** (UNIVERSAL.ORG, 28/01/2020, grifos nossos).

No excerto acima, há a materialização do pré-construído de que o mundo terá um fim, e que tal evento será marcado por muitos sinais, dentre eles, males, sofrimentos e doenças. Ainda de acordo com o excerto, o fim dos tempos ocorrerá com a volta de Jesus, e a humanidade não está preparada para este momento. Segundo o excerto, essa preparação deve ser feita por meio da participação em reuniões da igreja Universal. O enunciado, segundo o qual é fundamental que o ser humano esteja preparado para o evento da volta de Cristo, faz funcionar o efeito-sentido de que estar preparado é estar salvo. E essa salvação será alcançada com a participação nas reuniões da IURD. Vale salientar que, quando o sujeito religioso diz que a pandemia do novo coronavírus é “um dos sinais do Fim dos Tempos”, faz referência, por um jogo entre memória e atualidade, à Bíblia, pois retoma os sentidos da anunciação do momento final, “sinais do Fim dos Tempos”, presentes no Novo Testamento, especificamente no livro de *Apocalipse*. Nesse caso, a memória discursiva emerge como se tivesse origem no próprio sujeito religioso, marcado linguisticamente no excerto sob análise. Assim, a memória discursiva surge do interdiscurso sob a forma de pré-construídos mobilizados por esse sujeito religioso. Desse modo, o sujeito do discurso materializado nesse excerto identifica-se com a posição-sujeito religiosa que adere ao discurso escatológico acerca da pandemia de COVID-19. Nesse sentido, vemos aqui a pandemia de COVID-19 ser discursivizada como um dos sinais do Fim dos Tempos.

Assim, podemos dizer que, nessa formulação, está em funcionamento um discurso escatológico, pois, a COVID-19 é discursivizada como sendo um dos sinais que anuncia o fim de uma era, ao mesmo tempo em que apresenta a salvação, encontrada nas reuniões da IURD, como meio para se alcançar a vida eterna. A imagem que emerge do sujeito de discurso, que pertence a essa FD, é de alguém que exorta e instrui, papel atribuído, no meio evangélico, aos pastores. Justamente porque exorta e instrui é que ele pode dizer o que “fundamental para o ser humano” e pode também convocar seu leitor a participar de uma reunião da IURD. Nesse sentido, a imagem do leitor desse texto é de alguém que precisa ser convocado a “manter sua salvação em dia”. Vejamos o próximo excerto.

**Excerto 13:** A pandemia gerada pela COVID-19 tem mexido com os nossos relacionamentos porque, em um mundo quebrado como o nosso, relacionamentos sempre **sofreram com os efeitos da Queda. O Coronavírus é apenas um lembrete de que o pecado trouxe barreiras sociais** resultando em desajustes em nossas sociabilizações (inveja, ira, irresponsabilidades), idolatrias de relacionamentos (namoro, trabalho, família) e falta de satisfação nessas relações (descontentamento). **Pecado** é muito maior do que Coronavírus e ele tem nos afetado socialmente desde a **Queda** (CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER, 2020, grifos nossos).

O excerto acima faz parte de publicação feita em site oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. No excerto, vemos marcado o lugar do evangélico presbiteriano que, em uma postagem no site oficial da referida igreja, faz uma publicação que, segundo outro trecho do texto, busca “provocar uma reflexão teológica sobre a comunhão entre os membros da comunidade cristã em tempos de pandemia”. A imagem do sujeito subjetivado nesse lugar discursivo é de alguém que instrui, exorta, explica, mas também se coloca como membro da comunidade, por isso o uso de expressões como: “nossos relacionamentos”, “quebrado como o nosso” e “nossas sociabilizações”. E o interlocutor desse texto é convocado a assumir a posição-sujeito de alguém que teve seus relacionamentos afetados, que vive em um mundo “quebrado”, que faz parte de sociabilizações desajustadas e que, por tudo isso, vive em constante “descontentamento”. Trata-se, em suma, de um sujeito que acredita que o pecado tem nos afetado socialmente desde a “Queda” e que isso é muito mais grave do que o Coronavírus. O texto apresenta a pandemia gerada pela COVID-19 como consequência da **queda**, ou seja, há a materialização do efeito-sentido de que o mal e o sofrimento são consequências do pecado, parafraseado como **queda**, cometido pelo homem. Essa relação da pandemia com o pecado é marcada linguisticamente na formulação “é apenas”, quando o sujeito religioso aponta para a doença do novo coronavírus como “apenas um lembrete de que o pecado trouxe barreiras sociais”.

Há, nesse excerto, uma relação entre memória e atualidade, pois o efeito-sentido nele materializado se dá por meio do retorno e, ao mesmo tempo, da atualização de uma memória acerca de dizeres já cristalizados no interdiscurso do campo religioso, segundo a qual toda crise e sofrimento vivenciados na humanidade são vistos como resultado da queda do homem, indicada, de acordo com o esse discurso religioso, na Bíblia, principalmente no livro do *Gênesis*, do Velho Testamento. Esse livro narra, entre outras coisas, a desobediência de Adão e Eva a Deus. Há, portanto, o efeito-sentido de que a crise sanitária de COVID-19 é resultado do pecado da humanidade e não de fatores sanitários nem devido ao alto grau de transmissibilidade do vírus entre humanos. Há, portanto, um apagamento do dizer da ciência, o que aponta para materialização de um discurso anticientífico. O excerto analisado abaixo foi coletado em um Boletim Dominical, da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife:

**Excerto 14:** A estratégia de contenção de propagação do vírus impôs outro grande **desafio, que são seus inevitáveis efeitos colaterais sociais, sendo o mais nítido a degradação da economia, que apenas começava a se recuperar após anos de estagnação. [...]. A mídia claramente não goza da credibilidade que outrora desfrutava.** “Testemunhamos nesses dias, até mesmo, a **triste politização e endeusamento da ciência.** Dentro da

comunidade científica, inclusive, **que poderia e deveria se apresentar de forma mais objetiva, há conflitos de dados e interpretações sobre como tratar a pandemia.** O ambiente político, por sua vez, está **contaminado por uma infundável luta ideológica** e de poder que torna difícil para o brasileiro comum viver “vida tranquila e mansa”, em oração, como nos manda a Escritura” (PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DO RECIFE, 17/05/2020, grifos nossos).

O manifesto apresenta orientações para que a igreja continue orando pelo país. Nesse manifesto, o sujeito religioso lamenta “a degradação da economia, que apenas começava a se recuperar após anos de estagnação”, critica a mídia e a comunidade científica, por não gozarem de “credibilidade”, dificultando as soluções aos problemas do país nesse momento e refere-se à “politização” e ao “endeusamento” da ciência.

Por meio da oração explicativa “que são seus inevitáveis efeitos colaterais”, o sujeito religioso materializa o discurso de que os desafios são efeitos colaterais inevitáveis da pandemia. Portanto, não há como fugir deles. Nesse caso, isenta-se o governo da crise econômica, e, por extensão, de outros “efeitos colaterais” supostamente “inevitáveis”, como, por exemplo, as mortes causadas pela crise sanitária de COVID-19. Vemos também que a formulação “que apenas começava a se recuperar após anos de estagnação” materializa um efeito de sustentação que estabelece uma relação com o discurso segundo o qual a economia estava se recuperando, mas também foi afetada pelos “efeitos colaterais inevitáveis”, que surgiram a partir da “estratégia de contenção de propagação do vírus”. Esse tipo de estratégia linguístico-discursiva funciona como suporte do pensamento de uma outra proposição, o que se dá por meio de uma relação de implicação entre duas propriedades. Pêcheux nomeia essa relação de *efeito de sustentação*. De acordo com o autor “a articulação de asserções, que se apoia sobre o que chamamos o ‘processo de sustentação’ constitui uma espécie de *retorno de saber no pensamento*” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 101-102, grifos do autor). Portanto, a informação dada pela explicativa corresponde a uma informação já pressuposta e que, portanto, não pode ser contestada.

Além disso, o excerto acima materializa um discurso segundo o qual o Brasil vivia, antes do governo Bolsonaro, uma crise econômica, e que, somente agora, com o atual governo, o país se recuperava dessa “degradação econômica”. Materializa, portanto, uma imagem do sujeito político Jair Bolsonaro como agente da mudança do país, conforme indica a formulação “que apenas começava a se recuperar”. O excerto materializa também o efeito-sentido segundo o qual nem a mídia nem a comunidade científica merecem credibilidade em relação às informações/notícias sobre a pandemia de COVID-19. Nesse sentido, a expressão

“a mídia claramente não goza de credibilidade que outrora desfrutava” indica que a mídia perdeu a credibilidade e produz o efeito-sentido de que as informações sobre a COVID -19 são falsas, materializando, assim, um discurso negacionista. Por outro lado, a expressão “triste politização” faz funcionar um discurso acusatório em relação à ciência, que é apresentada como parcial, uma vez que, ainda segundo o texto, “há conflito de dados e interpretações sobre como tratar a pandemia”. A oração explicativa “que poderia e deveria se apresentar de forma mais objetiva” materializa um efeito de sustentação que ratifica o discurso segundo o qual a ciência não é suficientemente objetiva. Tal efeito se mostra na relação estabelecida entre a afirmação implícita de que a ciência não é objetiva e a existência de conflitos de interpretação, o que se materializa por meio do seguinte enunciado: é porque a ciência não é objetiva que há conflitos de dados e interpretações sobre como tratar a pandemia.

Vemos, também, que o sujeito religioso, ao usar a expressão “endeusamento da ciência” retoma a memória segundo a qual Deus é resposta e solução para todos os questionamentos e, por isso, a ciência não pode “tomar” o lugar que cabe a Deus. Nesse sentido, essa formulação indica a materialização do discurso do fundamentalismo religioso, ao produzir efeitos-sentido que colocam Deus numa posição superior, estando acima, inclusive, da ciência. Sobre o fundamentalismo, Daniel Rocha afirma que:

Quando nos referimos a ‘fundamentalismo histórico’, falamos de um movimento religioso, protestante e norte-americano, que surgiu em oposição ao liberalismo/modernismo teológico e defendia uma concepção de inerrância do texto bíblico. Ele se caracteriza, essencialmente, pelo conservadorismo teológico, pelo conservadorismo moral, pelo conservadorismo político, pelo patriotismo e por uma perspectiva escatológica dispensacionista. Buscava se contrapor ao processo de secularização reafirmando a importância da ‘verdadeira’ religião, tal como expressa nas Sagradas Escrituras, como eixo unificador e fonte de sentido das esferas do saber e da atuação dos homens no mundo (ROCHA, 2020, p. 467).

Há, portanto, nos discursos fundamentalistas, uma supervalorização do sagrado e uma defesa veemente das “verdades” metafísicas, o que explica, o excerto sob análise, a crítica a um suposto “endeusamento da ciência”, já que, para o discurso fundamentalista, tudo que tenta tomar o lugar de Deus deve ser repellido e abominado.

Vejam, agora, outros excertos que são parte de uma publicação no site oficial da IURD, cujo subtítulo é “sensacionalismo da mídia sobre COVID-19 causa mortes em diversos países”.

**Excerto 15:** [...] grande parte da **mídia segue utilizando um tom sensacionalista para se referir à pandemia. E o sensacionalismo causa mortes.** [...]. É muito importante que sejam tomados os cuidados recomendados pelo Ministério da Saúde. Um desses cuidados, inclusive, é **parar de assistir obsessivamente aos noticiários sensacionalistas sobre o COVID-19.** [...] “Fé é certeza”, relata o Bispo Macedo. “Assim como a **dúvida é resultante da ação de um espírito maligno, a fé inteligente é a ação do Espírito de Deus. Quem n’Ele crê não tem medo nem se intimida diante dos desafios da vida.** Ao contrário: **duvida do sucesso do mal.** Isto é, **duvida da própria dúvida!**”[...] **Se você está com medo do Coronavírus e não sabe como despertar essa fé dentro de si,** acesse agora mesmo o Pastor Online e **converse com alguém que está preparado para lhe tranquilizar e mostrar a força da fé em Deus** (UNIVERSAL.ORG, 17/04/2020, grifos nossos).

**Excerto 16:** O que certamente temos é uma **pandemia de medo.** A mídia do planeta inteiro é dominada por coronavírus. 7º motivo: **é fácil matar o vírus!O vírus pode ser efetivamente inativado das superfícies com uma solução de etanol (62-71% álcool) ou até com outras substâncias simples, em apenas um minuto,** afirma o cientista. “**Lavar as mãos frequentemente com sabão e água é o meio mais eficaz de evitar o contágio**”. Além do vírus ser facilmente vencível, cientistas do mundo inteiro estão trabalhando nisso (UNIVERSAL.ORG, 13/04/2020, grifos nossos).

Vemos, no excerto 15, que o termo “sensacionalista” materializa um discurso segundo o qual a mídia, além de espetacularizar a pandemia, causa mais mortes do que a própria COVID-19. E, que, para evitar mortes durante a pandemia, é necessário que as pessoas deixem de assistir “obsessivamente” aos noticiários, pois, os noticiários causam medo e o medo causa morte. Dessa forma, a mídia é discursivizada como sensacionalista e há a materialização do efeito-sentido de que o medo, causado pela mídia, é responsável pelas mortes durante a pandemia. Além disso, o uso do termo “sensacionalismo” desqualifica as informações acerca da crise sanitária e produz, também, o efeito-sentido de negação, de que as informações acerca da crise sanitária de COVID-19 não são verdadeiras. Desse modo, vemos, mais uma vez, a materialização do discurso negacionista acerca da referida crise sanitária.

O texto diz que “a dúvida é resultante da ação de um espírito maligno, a fé inteligente é a ação do Espírito de Deus”. Esse enunciado produz o efeito de que a única fé legítima é a que não confere credibilidade à pandemia e faz emergir o pré-construído de que existe uma fé não inteligente, e ela seria resultado da dúvida daquele que tem medo e acredita na pandemia de COVID-19. Com isso, o sujeito religioso coloca em oposição dois tipos de fé: a fé inteligente (divina), que é aquela que, segundo o discurso materializado no texto, traria imunidade à doença e não daria a ela credibilidade; e a fé não inteligente (maligna). O cristão

que tem essa fé maligna acredita na mídia e na força da pandemia causada pelo novo coronavírus.

Desse modo, no enunciado “a dúvida é resultante da ação de um espírito maligno”, o termo “maligno” retoma uma memória de medo, uma vez que o termo “espírito maligno” vincula-se, por um efeito da memória sobre a atualidade, a outros termos como “diabo”, “demônio”, etc., os quais provocam sentimentos de temor nos fiéis. Isso porque, segundo o cristianismo, o maligno está associado à figura de satanás e diretamente relacionado ao pecado. Assim, ao associar o Coronavírus ao maligno, o excerto sob análise faz funcionar uma relação segundo a qual o medo de ser contaminado pela COVID-19 é resultado da falta de fé “inteligente” e a única maneira de estar imune à doença seria confiar inteiramente (ter fé) no mundo espiritual. Além disso, ainda segundo o excerto, para que a fé “inteligente” e imunizadora seja fortalecida, sugere-se que o leitor consulte o pastor Online da referida igreja, o qual funcionaria, ainda segundo o discurso materializado no excerto, como um serviço essencial para lidar com a COVID-19. Dessa forma, sem nenhum embasamento científico, o discurso materializado no excerto acima, que trata da doença como algo que pode ser revertido pela fé, materializa tanto o discurso anticientífico, quanto o discurso negacionista, pois nega a existência da gravidade da doença, reconfigurando-a como uma “pandemia de medo”.

O excerto 16 também faz parte de publicação do site da IURD. Na tentativa de convencer os fiéis de que “é fácil matar o vírus”, a publicação apresenta algumas citações de um artigo científico, o qual seria, segundo o texto da Igreja Universal, resultado de estudos sobre o novo coronavírus. O título do texto usado como referência no artigo da referida igreja é: “Coronavírus: 10 razões porque você não deve entrar em pânico”. Nesse caso, as citações do artigo científico funcionam como argumento de autoridade e buscam conferir maior credibilidade ao discurso materializado no texto. A publicação destaca trechos do artigo que minimizam a gravidade da doença e apontam para o medo como o real perigo da pandemia, além de culparem a mídia por espetacularizar a doença. Nesse sentido, o sujeito religioso enuncia como se estivesse na posição do cientista, mas, para tanto, recorre não a argumentos científicos, mas, contraditoriamente, a argumentos do senso comum que o levam a fazer afirmações generalistas como, por exemplo, “é fácil matar o vírus! O vírus pode ser **efetivamente** inativado das superfícies com uma solução de etanol (62-71% álcool) ou até com outras substâncias simples, **em apenas um minuto**”. Nesse caso, mesmo que o discurso

científico defenda o uso do álcool<sup>19</sup> como uma das formas de combater a proliferação do novo coronavírus, há um atravessamento do discurso do senso comum, o que se marca pelo uso das expressões **efetivamente** e **em apenas um minuto**, que indicam soluções instantâneas e milagrosas, as quais não estão presentes no discurso da ciência.

As formulações do excerto 16 materializam o discurso que trata do medo como pandemia e o apresenta como a principal causa da morte, uma vez que a mídia tem espetacularizado a pandemia, como aponta, por exemplo, o excerto 15, por meio dos termos “sensacionalista, “sensacionalismo”. As expressões “outras substâncias simples, em apenas um minuto” e “lavar as mãos frequentemente com sabão e água é o meio mais eficaz de evitar o contágio” fazem funcionar o efeito-sentido de que uma das “razões porque não se deve entrar em pânico” é porque “é fácil matar o vírus”.

Tanto no excerto 15 quanto no excerto 16, não há nenhuma definição científica a respeito do novo coronavírus, contrariando, assim, as orientações da OMS e materializando um discurso anticientífico e negacionista. No próximo excerto, apresentamos um exemplo de um grupo evangélico que diz conciliar fé e ciência.

**Excerto 17:** Nós, da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência, nos posicionamos de **forma inequívoca em favor das vacinas**, recomendando, encorajando e apelando para que TODOS se vacinem! **Cristãos em especial, chamados pelo Senhor Jesus para amar ao próximo, demonstrarão este amor ao se vacinar**, contribuindo para que esta doença mortal seja minimizada até desaparecer (ABC<sup>2</sup>, 17/02/2021, grifos nossos).

O excerto 17 é parte de uma publicação da Associação Brasileira Cristãos na Ciência, que, neste texto, se posiciona sobre as vacinas contra a COVID-19. A própria definição da associação “Cristãos na Ciência” já materializa o discurso de que fé e ciência são conciliáveis, indicando um pré-construído segundo o qual existe um discurso oponente, com o qual esse sujeito não se identifica. O uso do termo “inequívoco” na formulação “de forma inequívoca em favor da vacinação”, produz o efeito-sentido de que cristãos que são contrários à vacina

---

<sup>19</sup> Sobre limpeza e desinfecção como medidas de prevenção e controle da COVID-19, a Anvisa defende que: “O álcool 70% nesta nota compreende tanto o álcool etílico 70% como o álcool isopropílico 70%. Esclarece-se que os produtos saneantes a base de álcool 70% podem ser encontrados na forma de gel ou líquido. São destinados à desinfecção de objetos e superfícies potencialmente contaminados pelo vírus (pisos, paredes, mesas, camas, etc.). É dispensado em estabelecimentos comerciais como mercados. Embora excepcionalmente possam ser utilizados para higienização das mãos, não é o mais recomendado, pois existe formulação específica também a base de álcool 70° e que não causa o ressecamento, normalmente dispensada em farmácias, drogarias e mercados” (In: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/medidas-de-prevencao-e-controle-da-covid-19-limpeza-desinfecao-e-tipos-de-precaucoes/>). Acesso em: 10/11/2021.

contra a COVID-19 estão cometendo um erro. É possível observar, nesse excerto, que tal erro está relacionado ao fato de que o amor ao próximo revela o verdadeiro cristão.

Além disso, apresentar os cristãos em “especial” como aqueles “chamados pelo Senhor Jesus para amar ao próximo” e usar essa explicativa como efeito de sustentação para o fato de que somente estes “demonstrarão este amor ao se vacinar” marca o funcionamento discursivo de que o legítimo cristão é chamado para amar o próximo. E que tal amor se mostra quando esse legítimo cristão é favorável à vacina e busca ser vacinado, contribuindo, assim, para o fim da pandemia de COVID-19. Pois, nesse caso, buscar vacinar-se é, de acordo com o discurso materializado no texto, um gesto de amor. Dessa forma, embora haja o atravessamento do discurso científico nessas materialidades linguísticas, em que o sujeito religioso recomenda a vacina como meio de acabar com a doença do novo coronavírus, esse sujeito ocupa a posição-sujeito religioso, tendo em vista que tal recomendação se dá a partir dos princípios defendidos pela fé cristã. Desse modo, a imagem que emerge do sujeito do discurso é de alguém que se compromete tanto com saúde e com o bem-estar da humanidade, quanto com as palavras do “Senhor Jesus”, que ensina a “amar ao próximo”. Justamente porque ele se compromete com a vida cristã é que ele pode dizer que se posiciona “de forma inequívoca em favor das vacinas”. Nesse sentido, o sujeito do discurso projeta a imagem do lugar do que deveria ser o “Cristão em especial, chamado pelo Senhor Jesus”, incluindo-se também nesse lugar, para recomendar que “TODOS se vacinem”.

Os excertos 18, 19 e 20 foram coletados durante a pandemia do novo coronavírus, em publicação feita pelo site oficial do Vaticano, o portal *Vatican News*. O artigo *Espiritualidade e religiosidade recursos eficazes no enfrentamento da Covid-19* materializa o discurso da Igreja Católica Apostólica Romana acerca da crise sanitária da COVID-19. Analisamos, portanto, quais memórias, posições-sujeito e efeitos-sentido são mobilizados pela referida instituição. Vejamos:

**Excerto 18:** O vírus nos uniu, mesmo **com a resistência de alguns em negar, desqualificar, reduzir a gravidade da pandemia, ou** mesmo com o estado catatônico de pânico e estresses acentuado de outros (VATICAN NEWS, 06/10/2020, grifos nossos).

**Excerto 19:** Uma grande companhia que **pode renovar a esperança e fortalecer a unidade entre as pessoas, em tempos de pandemia, é a espiritualidade e a religiosidade** (E/R) (VATICAN NEWS, 06/10/2020, grifos nossos).

**Excerto 20:** Nesse tempo inesperado pela pandemia da COVID-19 com os seus contornos e limites na existência humana, **a E/R (espiritualidade /**

**religiosidade) por integrar várias dimensões do cuidado e da saúde podem ser uma companhia eficaz e eficiente, porque não, sadia e saudável,** na convivência e cuidado da pessoa no contexto da saúde, pois possibilita recursos no enfrentamento de crises como: a atenção e valorização da pessoa, o fortalecimento e a superação de vícios, a cooperação mútua, a liberdade e o estabelecer fronteiras na concordância aos limites, a alteridade, a resignação, a esperança e tantos outros. **Tanto que favorece a saúde que em 22/01/1998, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu a dimensão espiritual no conceito multidimensional de saúde** (VATICAN NEWS, 06/10/2020, grifos nossos).

No excerto 18, há uma oposição, marcada pelo operador argumentativo “ou”, entre duas posições-sujeito, sendo ambas não assumidas pela posição-sujeito materializada no excerto: a posição que “nega, desqualifica e reduz a gravidade da pandemia” e a posição que assume um “estado catatônico de pânico e estresses acentuado”. As expressões “de um” e “de outro” indicam que nenhuma dessas duas posições-sujeito é assumida pelo sujeito materializado no texto são pois ambas se distanciam do “nós” inicial, presente em “o vírus nos uniu”. Ou seja, o que se apresenta nesse excerto é uma posição-sujeito que defende que é possível ver algo de positivo na emergência do novo coronavírus (ele nos uniu) e que se distancia da posição-sujeito que nega a existência ou a importância do vírus e também daquela que incentiva o pânico coletivo. Nesse sentido, o texto materializa um discurso que aponta para uma espécie de “terceira via”, que seria, como veremos nos próximos excertos, a via do que essa posição-sujeito chama de Espiritualidade/Religiosidade.

No excerto 20, a formulação “a E/R por integrar várias dimensões do cuidado e da saúde podem ser uma companhia eficaz e eficiente, porque não, sadia e saudável” materializa, por meio do operador “porque não” um pré-construído segundo o qual há um discurso em que a espiritualidade e a religiosidade são considerados ineficientes para a saúde humana. Esse discurso é rebatido pela posição-sujeito materializada também no excerto 19, a qual considera que a E/R pode ser eficiente para a saúde do indivíduo.

Voltando ao excerto 20, vemos que, para validar o argumento de que a E/R pode ser importante para a saúde do indivíduo, há a materialização do discurso científico, que se dá pela presença de um dado da OMS. Contudo, é importante salientar que a OMS, segundo o próprio excerto em análise, inclui apenas a dimensão espiritual no conceito multidimensional de saúde, não havendo qualquer menção à religiosidade. Portanto, quando se vincula, no excerto, Espiritualidade e Religiosidade (E/R), há a emergência de um efeito de paráfrase em que “dimensão espiritual” desliza para “Espiritualidade/Religiosidade”. Tal funcionamento produz o efeito-sentido de que a ciência, metonimicamente representada pela OMS, ratifica os argumentos da religião, materializando, assim, o discurso segundo o qual a dimensão

espiritual pode ser eficaz também no atual contexto pandêmico, uma vez que pode “renovar a esperança e fortalecer a unidade entre as pessoas” (19).

Os excertos abaixo são parte de um artigo publicado pelo site da Federação Espírita Brasileira, cujo título é “Uma nova pandemia, conhecida como Coronavírus” e tem como objetivo apresentar esclarecimentos acerca da posição espírita em relação à pandemia do Coronavírus e desqualificar uma suposta interpretação segundo a qual a crise sanitária é uma forma de punição divina. Vejamos abaixo:

**Excerto 21:** As **provações** fazem parte da **caminhada evolutiva** da vida, que transcorre, naturalmente, nos dois planos existenciais, que lembram uma corrida de **superação de obstáculos**. É, pois, **equivoco acreditar que ocorrências provocacionais, como os flagelos destruidores, naturais ou provocados, sejam catalogados como castigo ou punição divina. Quem assim pensa tem de Deus uma ideia antropomórfica e se fundamenta em preceitos teológicos arcaicos** (FEB, 15/07/2020, grifos nossos).

**Excerto 22:** Essa visão panorâmica dos processos de melhoria espiritual que o ser humano enfrenta, em decorrência de **tragédias e catástrofes que atingem a Humanidade, é consequência natural da Lei do progresso, que o faz evoluir intelectual e moralmente. Nada tem de punitivo nem reflete “ação demoníaca” como querem certas interpretações religiosas, que chegam até em falar no juízo final** (FEB, 15/07/2020, grifos nossos).

No primeiro período do excerto 21, o termo “As provações” faz emergir um pré-construído segundo o qual a pandemia de COVID-19 surge para colocar à prova e experimentar a força do indivíduo, produzindo, assim, o efeito-sentido de que a pandemia tem como finalidade provocar a melhoria espiritual do indivíduo.

No segundo e terceiro períodos, o texto, por meio do uso dos adjetivos “equivoco” e “arcaico”, desqualifica o discurso segundo o qual as provações são “castigo ou punição divina” e faz emergir um pré-construído segundo o qual existem posições-sujeito que entendem as provações como castigo de Deus para punir a humanidade. Isso pode ser constatado na formulação “quem assim pensa tem de Deus uma ideia antropomórfica e se fundamenta em preceitos teológicos arcaicos”. Além disso, a formulação “É, pois, equivoco acreditar que ocorrências provocacionais, como os flagelos destruidores, naturais ou provocados, sejam catalogados como castigo ou punição divina” materializa uma oposição entre provações, como paráfrase de “castigo divino”, e provações, como paráfrase de “melhoria espiritual”. No entanto, sob a ilusão subjetiva, o sujeito do discurso espírita se contrapõe ao discurso punitivo acerca da pandemia, e, ao mesmo tempo, defende que a pandemia é uma provação. Ou seja, devido a uma relação metafórica de deslizamento de

sentidos, provação e castigo estão ambos inscritos no discurso religioso, mesmo que a “provação” funcione para a posição-sujeito espírita e castigo funcione para posição-sujeito católico ou evangélico.

Vemos, no excerto 21, a emergência daquilo que Pêcheux (2014 [1975]) caracterizou como sendo o “mau sujeito”, (conceito que trataremos na seção 3) pois trata-se da negação da Forma-Sujeito que aponta a pandemia como castigo, uma vez que nega esse discurso. Mas, mesmo negando a pandemia como castigo, a posição-sujeito que emerge no excerto sob análise insere-se no discurso religioso, que fornece os saberes que regulam tanto a tese do “bom sujeito, que defende que a pandemia é um castigo divino, quanto a do “mau-sujeito”, que nega a tese do castigo, fazendo emergir um efeito polissêmico segundo o qual o que ocorre, com a pandemia, não é castigo, mas provação. Assim, o sujeito do discurso inscrito nesse excerto se contra-identifica, parcialmente, com a forma-sujeito que organiza os saberes do discurso com o qual esse mesmo sujeito se identifica. Dizemos que o sujeito se contra-identifica parcialmente, porque, como defende Pêcheux, no texto *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, do qual tratamos na parte teórica da seção 2 deste trabalho:

O sentido é produzido no “*non-sens*” pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar imediatamente que *esse deslizamento não desaparece sem deixar traços* no sujeito-ego da “forma sujeito” ideológica, identificada com a evidência de um sentido (PÊCHEUX, 2014 [1978], p. 277).

Nessa perspectiva, mesmo identificando-se com as evidências de sentido do discurso religioso, a posição-sujeito inscrita no excerto 21 pode se contra-identificar com alguns “sentidos” do referido discurso, sem deixar, contudo, de se relacionar com ele. Portanto, da mesma forma que, segundo Pêcheux (2014 [1975]), não existe identificação plena, a contra-identificação pode também ser parcial.

Pelo exposto, vemos a crise sanitária de COVID-19 ser discursivizada como “provação”, que é também da ordem do campo religioso, mas se vincula a uma posição-sujeito parcialmente distinta da que defende que a COVID-19 é um “castigo”. No excerto seguinte, apresentamos mais uma publicação feita pelo site oficial do movimento espírita do Brasil.

**Excerto 23:** Numa comparação estranha, a **epidemia de desamor e a que diz respeito à saúde física, a Covid-19 parece menos danosa, porque a**

**ciência médica vem vencendo-a com larga margem de triunfo**, enquanto o crime de toda espécie domina imensa fatia da sociedade em desespero mal contido (FEB, 09/10/2020, grifos nossos).

O excerto acima é parte do artigo “Pandemia do desamor”, também publicado pelo site da *Federação Espírita Brasileira*, vinculado ao movimento espírita do Brasil. Na formulação, a “epidemia de desamor” ocorre um deslizamento de sentido, cujo efeito de sentido se materializa por meio do efeito metafórico, que estabelece uma relação entre desamor e vírus. Segundo Pêcheux, o efeito metafórico é “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 96), ou seja, funciona quando há a substituição de palavras, expressões ou proposições dentro de uma formação discursiva, quando A e B são substituíveis, ou entre diferentes formações discursivas, quando A e B não são substituíveis. Assim, conforme defende Orlandi (2020 [2003]), a metáfora pode instituir tanto o mesmo efeito, o de estabilização de sentido, denominado de paráfrase<sup>20</sup>, como pode instaurar a ruptura dos processos de significação, jogando com o equívoco, denominado de polissemia<sup>21</sup>. Na materialidade sob análise, desamor e vírus estão em relação de equivalência, podendo um sentido ser tomado pelo outro nesse excerto. Ainda nesse sentido, verificamos que os termos “desamor” e “vírus” fazem parte de um mesmo processo parafrástico, e indicam, por um efeito da memória sobre a atualidade, que a falta de amor é a maior pandemia que existe. Já, em relação às expressões “epidemia de desamor” e “Covid-19”, vemos funcionar o efeito de desestabilização de sentidos (polissemia). Nesse caso, o termo “epidemia”, que está implícito na formulação “[...] e a que diz respeito à saúde física, a Covid-19”, indica, em princípio, que o segundo termo dessas duas expressões - “epidemia de **desamor**” e “epidemia de **Covid-19**” - são equivalentes. Contudo, esses dois termos produzem uma relação de ruptura, a qual abre a possibilidade de, na comparação entre essas duas “epidemias”, uma delas (a de desamor) poder ser considerada, pelo discurso materializado no excerto, mas danosa que a outra (a de COVID-19). Afinal, ainda segundo o que lemos no excerto, a COVID-19 pode ser vencida através da “ciência médica”, enquanto o desamor é apresentado como um mal que não pode ser contido. Nesse excerto funciona a posição-sujeito religioso, a qual realiza gestos interpretativos e produz sentidos sobre a crise sanitária de COVID-19, a partir do lugar do discurso religioso.

---

<sup>20</sup> Os processos parafrásticos, segundo Orlandi (2020 [2003]), “são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 2020 [2003], p. 34).

<sup>21</sup> De acordo com Orlandi (2020 [2003]), na polissemia, o que temos “é o deslocamento, ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 2020 [2003], p. 34).

Nos excertos 24, 25 e 26, analisamos posições-sujeito e efeitos-sentido vinculados ao lugar social de Testemunhas de Jeová. Os excertos 24 e 25 foram coletados na publicação feita pelo JW.ORG, site oficial das Testemunhas de Jeová, durante a pandemia da COVID-19. Essa publicação, cujo título é “O que a Bíblia diz sobre pandemias?”, propõe responder questões sobre a pandemia, com base no discurso em que o sujeito enunciador está inscrito. Vejamos, então, os referidos excertos:

**Excerto 24: A Bíblia diz** que nos últimos dias surgiriam pestilências, ou seja, surtos de doenças e pandemias. (Lucas 21:11) **Mas pandemias não são um castigo de Deus. Na verdade, em breve Deus vai usar o seu Reino para acabar com todas as doenças e pandemias** (JW.ORG, artigo 176, grifos nossos).

**Excerto 25:** /.../ ela não fala sobre Covid-19, aids ou gripe espanhola. Mas ela fala sim sobre “**pestilências**” e sobre uma “**praga mortífera**”. (Lucas 21:11; Apocalipse 6:8) A Bíblia predisse que essas coisas iriam acontecer “**nos últimos dias**”, também chamados de “**final do sistema de coisas**” (JW.ORG, artigo 176, grifos nossos).

**Excerto 26:** Será que as pandemias vão acabar? **Sim. A Bíblia fala que no futuro as doenças não vão mais existir. Em breve o Reino de Deus vai resolver todos os problemas de saúde** (Isaías 33:24;35:5,6) **Deus vai acabar com o sofrimento, a dor e a morte** (JW.ORG, artigo 176, grifos nossos).

A posição-sujeito materializada nos excertos acima, assim como outras que já analisamos aqui, tem a leitura bíblica como fonte de autoridade para sua argumentação.

Na formulação, “Mas pandemias não são um castigo de Deus”, do excerto 24, verificamos a negação do pré-construído segundo o qual a pandemia é um castigo de Deus para a humanidade. Porém, apesar deste aparente distanciamento, no enunciado “Na verdade, em breve Deus vai usar o seu Reino para acabar com todas as doenças e pandemias”, há a materialização de um discurso segundo o qual Deus irá salvar a humanidade das doenças e da pandemia. Nesse sentido, podemos observar o funcionamento de um discurso, em certa medida, escatológico, já que trata de um futuro (“em breve”) em que Deus irá salvar a humanidade, apontando, portanto, para uma teleologia (tese segundo a qual existe um avanço das coisas em direção a um fim e que considera a finalidade como princípio explicativo fundamental), a qual apresenta-se metonimicamente vinculada ao discurso salvacionista materializado no excerto. Ou seja, o excerto nega o discurso segundo o qual Deus enviou a pandemia com propósitos punitivos, mas o sujeito do discurso materializado no referido

excerto se subjetiva no discurso segundo o qual Deus salvará a humanidade das doenças, inclusive, das pandemias.

No excerto 25, vemos, mais uma vez, citações da Bíblica, as quais funcionam como argumento de autoridade para aqueles que se subjetivam na mesma posição-sujeito materializado no/pelo excerto. Nesse sentido, embora haja a afirmação de que os termos “Covid-19, aids ou gripe espanhola” não estão na Bíblia, apresenta-se um trecho das Escrituras que estaria, de acordo com o discurso materializado no excerto, em consonância com o tema da pandemia, uma vez que os livros “(Lucas 21:11; Apocalipse 6:8)” tratam de “pestilências” e “praga mortífera” que aconteceriam nos “últimos dias”. Assim, as formulações do excerto 25 atualizam a memória do discurso escatológico acerca dos sinais do “Fim dos Tempos”, segundo indicado no Novo Testamento da Bíblia cristã, mais especificamente, no livro do Apocalipse. Portanto, o referido excerto materializa o discurso escatológico, pois o sujeito que emerge do enunciado relaciona a pandemia com o “fim do sistema das coisas”, ao mesmo tempo em que anuncia a esperança para se alcançar a plenitude de um novo mundo onde “as doenças não vão mais existir”.

Esse funcionamento pode ser observado também no excerto 26, quando as formulações “A Bíblia fala que no futuro as doenças não vão mais existir”, pois, “o Reino de Deus vai resolver todos os problemas de saúde” e “Deus vai acabar com o sofrimento, a dor e a morte” materializam um discurso segundo o qual Deus tem domínio e controle sobre a pandemia, e que haverá um momento em que será anunciado o fim de uma era e o início de um novo mundo sem doenças e aflições. Desse modo, o substantivo “Reino”, grafado com primeira letra maiúscula, tanto no excerto 26 quanto no excerto 24, remete à memória discursiva dos cristãos, pois faz referência ao Reino dos Céus, profetizado na Bíblia. O Reino de Deus para as Testemunhas de Jeová consiste em um governo real, estabelecido por Jeová Deus, com sede no céu. Ainda de acordo com as Testemunhas de Jeová, o anúncio do Reino de Deus inclui a promessa de que aqueles que O amam viverão para sempre num paraíso na terra. É essa a esperança que está materializada no discurso escatológico das formulações dos excertos 24, 25 e 26, ao abordarem o tema da pandemia causada pelo novo coronavírus.

Vimos, nos excertos 24, 25 e 26, que o sujeito religioso que emerge nesses excertos nega o discurso que trata a pandemia como algo permitido por Deus para punir a humanidade, mas defende certa escatologia, ao tratar da volta de Jesus e/ou do Fim dos Tempos, assumindo, assim, a posição-sujeito religiosa no que se refere à crise sanitária de COVID-19.

Na próxima subseção, analisaremos como esse acontecimento discursivo da pandemia de COVID-19 é discursivizado em enunciados de posições-sujeito também vinculadas ao campo religioso, em suas manifestações públicas contrárias ao fechamento dos templos.

### **3.4 Discurso sobre o fechamento dos templos religioso em meio ao acontecimento discursivo da pandemia de COVID-19**

Nesta subseção, analisamos, com base nos pressupostos teóricos apresentados ao longo desta seção 3 e também na anterior, seção 2, analisamos quais posições-sujeito e quais efeitos-sentido podem ser identificados nos enunciados de grupos religiosos que discursivizam sobre o fechamento dos templos durante a crise sanitária de COVID-19. Os excertos analisados, 18 (dezoito) no total, fazem parte de publicações feitas tanto pela grande mídia quanto pelas próprias instituições religiosas, em que sujeitos religiosos enunciam acerca do fechamento dos templos durante a crise sanitária de COVID-19. Eles foram coletados em publicações que circulam na atualidade, em mídias digitais, e versam sobre o posicionamento dos sujeitos religiosos acerca do fechamento dos templos durante a crise sanitária de COVID-19. Identificamos aqui quais memórias, posições-sujeito e efeitos-sentido encontram-se materializados nos enunciados dos excertos apresentados. Para tanto, assim como na subseção anterior, recorreremos aos conceitos operacionais da Escola Francesa de Análise do Discurso, principalmente: memória, discurso e posição-sujeito.

Vejamos, inicialmente, o excerto abaixo que faz referência ao projeto de lei que reconhece a atividade religiosa como serviço essencial durante a pandemia de COVID-19.

**Excerto 27:** O projeto de lei 299/2020 que reconhece a atividade religiosa como essencial foi enviado ao governador pela Alesp (Assembleia Legislativa de São Paulo). O texto foi aprovado no dia 16/12, no plenário. Segundo o projeto, as atividades religiosas realizadas **em templos e fora deles devem ser reconhecidas como essenciais e serão mantidas em tempos de crises causadas por moléstias contagiosas, epidemias, pandemias ou catástrofes naturais.** O texto ainda afirma que **"a fé exerce papel fundamental como fator de equilíbrio psicoemocional à população"** (GUIAME, 01/03/2021, grifos nossos).

O excerto apresenta o projeto de lei 299/2020, aprovado no plenário da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) a fim de atender a grupos religiosos que argumentaram contra o fechamento dos templos. O referido projeto inclui as atividades religiosas entre aquelas que são essenciais e, portanto, se opõe às primeiras medidas de isolamento social, que incluíam atividades religiosas no quadro de serviços não essenciais. Sob o argumento de que

“a fé exerce papel fundamental como fator de equilíbrio psicoemocional à população”, o excerto materializa o discurso segundo o qual a fé é essencial no combate à crise sanitária de COVID-19. Vejamos os próximos excertos.

Os excertos 28, 29 e 30 são partes de uma reportagem sobre a igreja Universal do Reino de Deus, publicada no site *Apublica.org*, cujo título é: *Megaigrejas continuam abertas e dizem que fé cura coronavírus*. Vejamos os excertos.

**Excerto 28:** “A Igreja Universal mantém-se aberta”, anunciou o porta-voz da instituição, bispo Renato Cardoso, em comunicado oficial intitulado: “A Universal e o coronavírus”, divulgado na última terça-feira (17) nas redes sociais (APUBLICA.ORG, 19/03/2020, grifos nossos).

**Excerto 29:** Na manhã de quarta-feira (18) a reportagem ligou para o Templo de Salomão, sem se identificar, questionando se estavam limitando o número de pessoas nos cultos. “**Hoje está normal**”, respondeu o pastor Rodrigo. “Se foi divulgado (o comunicado da igreja), não chegou até o meu conhecimento, mas **creio que daqui para essa semana, Deus vai pôr as mãos no nosso Brasil, mas não só em nosso Brasil, mas em todo o mundo**”, pregou ao telefone. Segundo ele, os fiéis estão lavando as mãos antes de entrar nas reuniões, recebem o álcool em gel e são orientados a manter a distância entre as cadeiras (APUBLICA.ORG, 19/03/2020, grifos nossos).

**Excerto 30:** Na Catedral Mundial da Fé, sede da Universal no Rio de Janeiro, segundo estado com mais casos confirmados do coronavírus, a conversa foi a mesma. Lá, de acordo com o pastor Ronaldo, também continua “**tudo normal**”. “**Isso aí é só a proteção de Deus. Vamos colocar assim, a senhora tem que trabalhar com dinheiro, se a senhora pegar uma nota, se a senhora não tiver a proteção de Deus, até com aquela cédula o vírus entra**”, observou. “**Então, tem que ter a proteção de Deus, a senhora vai entrar, vai colocar a mão no corrimão, então tem que crer em Deus**”, acrescentou (APUBLICA.ORG, 19/03/2020, grifos nossos).

Nas materialidades dessas formulações são produzidos os efeitos-sentido de que a proteção de Deus é mais forte do que o vírus, por isso, a igreja deve permanecer aberta. O anúncio de que “A igreja mantém-se aberta” (28) foi divulgado logo após o governador de São Paulo, João Dória, ter determinado, por meio de um decreto, a suspensão de eventos com mais de 500 pessoas. Tal enunciado materializa um discurso de resistência ao poder estatal, uma vez que vai de encontro ao decreto assinado pelo governador do Estado. Dessa forma, é possível articular a frase “A igreja mantém-se aberta” a formulações com as quais ela mantém uma relação de contra junção, como por exemplo: *apesar do decreto estadual determine a suspensão de atividades presenciais com mais de 500 pessoas* ou *embora o decreto estadual [...]*. Essa resistência é justificada, como vemos nos outros excertos, pela fé na cura divina.

No excerto 29, a formulação “hoje está normal”, materializa um efeito-sentido segundo o qual a pandemia não é uma realidade considerada pelos líderes religiosos da IURD. Além disso, o enunciado “hoje está normal” pode ser desdobrado em paráfrases como: *não estamos limitando o número de pessoas nos cultos; a igreja está funcionando sem qualquer tipo de restrição; não somos afetados pelas restrições impostas pela pandemia*. Tais enunciados, quando vinculados a “hoje está normal”, fazem funcionar relações metafóricas, “em que uma palavra pode ser tomada pela outra, produzindo o mesmo efeito de sentido” (INDURSKY, 2011, p. 76). Nesse caso específico, o efeito produzido é de que a pandemia não existe para os membros da referida igreja ou que eles, supostamente, não podem ser atingidos pela pandemia; afinal agem como se tudo estivesse dentro da “normalidade”. Na formulação “Deus vai pôr a mão no nosso Brasil”, o sujeito religioso anuncia o fim da pandemia pela convicção de que Deus trará a cura e faz funcionar o efeito-sentido de que a cura virá da providência divina, apagando, assim, a ação da ciência. O sujeito religioso se subjetiva no lugar de mediador da vontade de Deus na formulação “creio que daqui pra essa semana, Deus vai pôr a mão no nosso Brasil”. Além de se subjetivar nesse lugar de mediador da vontade de Deus, o sujeito que emerge da formulação acima transcrita recorre ao pronome possessivo “nosso”, que marca e faz funcionar o efeito-sentido segundo o qual o referido sujeito, ao anunciar como um profeta, já que anuncia uma ação futura (daqui para essa semana) de Deus, assume, como mensageiro dos desígnios divinos, um compromisso com o povo brasileiro, do qual é parte integrante.

O excerto 30 materializa o discurso segundo o qual a fé na proteção divina funciona como uma espécie de bloqueio para o vírus, o qual protege os fiéis da COVID-19. Assim, o sujeito religioso assume um discurso anticientífico, cujos enunciados sobre a pandemia são regulados pelo discurso religioso e por isso, “A Igreja Universal mantém-se aberta” (28).

Dessa maneira, vemos emergir, nos excertos 28, 29 e 30, uma posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos. Tal posição é afetada pela projeção imaginária de que a abertura dos templos durante a pandemia é condição para que haja a intervenção divina na solução da crise sanitária. Além disso, nos excertos 28, 29 e 30 há a materialização do discurso negacionista e do discurso anticientífico. O sujeito religioso dos referidos excertos, por meio da negação do saber científico, faz com que os fiéis, membros dessa comunidade religiosa, desconheçam os dados científicos e desacreditem das afirmações científicas acerca da crise sanitária de COVID-19. A presença do discurso anticientífico e do negacionismo são traços daquilo que Carlos Piovezani (2020) chama de linguagem fascista. Segundo o referido autor, essa linguagem fascista desempenha um papel decisivo, pois:

O fascismo e sua linguagem podem ser fascinantes. Eis aí um de seus maiores riscos. As forças negativas, os discursos, os discursos e as ações do ódio e as políticas do medo e da morte podem subsumir no encanto e na beleza promovidos pela performance da força e da saúde, pela pertença a uma comunidade pura e harmônica e pela franqueza e autenticidade da expressão de seu líder e de seus membros. Em condições históricas e sociais distintas, as pulsões e os afetos, os pensamentos e as ações fascistas não são os mesmos, nem são idênticos os recursos e os fascínios de sua linguagem (PIOVEZANI, 2020, p. 46).

Outro traço da linguagem fascista é o anti-intelectualismo, pois, ainda segundo Piovezani, essa linguagem “não dar margem à consciência crítica e sempre eleger um inimigo em comum são outras duas características” (PIOVEZANI, 2020, p. 13). Vejamos, a esse respeito, os excertos 31 e 32, que são partes de uma mesma reportagem.

**Excerto 31:** Em seu perfil no Twitter, Silas Malafaia publicou, hoje à tarde, um vídeo para encorajar as pessoas para ir à igreja. E questionou as recomendações de prevenção por causa dos casos do novo coronavírus no país. Durante 15 minutos, o pastor inclusive faz o público repetir uma oração, pedindo a Deus que o vírus não se espalhe pelo Brasil. "Repita essa oração comigo: 'Que esse **vírus** seja **destruído da nossa nação pelo poder do nome de Jesus. Nós te pedimos que esse vírus não consiga fazer desgraça no nosso país**'", pregou. [...] "**Nós** não estamos subestimando nada. A doença é real, o vírus é real. **Temos** que estar antenados. **Mas você tem que tomar muito cuidado para não entrar numa neura louca** (UOL.NOTÍCIAS, 14/03/2020, grifos nossos).

**Excerto 32:** Durante o discurso ovacionado pelo público, Silas voltou a minimizar o problema: "**Um bichinho desgraçado** que a gente não vê nem a olho nu causa uma **balbúrdia no mundo**, na economia. **As pessoas ficam apavoradas**. Nós cremos que **Deus está no controle** de todas as coisas. **E nós cremos no poder da oração. Porque essa é a nossa arma, gente! É o que nós temos** (UOL.NOTÍCIAS, 14/03/2020, grifos nossos).

Nas materialidades das formulações dos excertos 31 e 32, também são produzidos os efeitos-sentido de que a proteção divina é mais forte do que o vírus, e que Deus tem o controle da crise sanitária de COVID-19. A formulação “que esse vírus seja destruído da nossa nação pelo poder do nome de Jesus”, a palavra profética funciona como uma espécie de vacina contra o vírus. Vemos que o sujeito religioso não fala por si, mas em nome de uma coletividade. Isso pode ser identificado pelo uso dos pronomes possessivos “nós” (31 e 32), “nossa” (31 e 32), e “nosso” (31), assim como pelo uso dos verbos “pedimos” (31) “temos” (32), que mostram o sujeito religioso falando em nome de um “nós”, o qual funciona como lugar discursivo de coletividade. Além disso, o pronome “nós” indica o lugar de onde esse

líder religioso fala: trata-se de um “nós” que crer “no poder da oração” para conter o vírus; de um “nós” que tem Deus como a “arma” que vai matar o vírus, de um “nós” que é blindado e imune ao vírus pelo poder da fé e da oração. Assim, o interlocutor desse enunciado é convocado a assumir a posição-sujeito que “crer no poder da oração” (32) como instrumento para a destruição do vírus causador da doença COVID-19. Desse modo, não há nenhuma orientação científica a respeito da crise sanitária e, com isso, materializa-se, mais uma vez, um discurso anticientífico sobre a referida crise. Em relação ao anti-intelectualismo do qual trata Piovezani, vemos, no excerto 31, a formulação, “mas você tem que tomar muito cuidado para não entrar numa neura louca”, em que a expressão “neura louca” pode ser parafraseada por “ficar em isolamento social” ou “não ir às reuniões presenciais da igreja”. Essas paráfrases são autorizadas pelo que consta na própria notícia do site UOL, a qual informa que “Silas Malafaia publicou, hoje à tarde, um vídeo para encorajar as pessoas para ir à igreja”. As expressões “neura louca”, “um bichinho desgraçado” (32), “balbúrdia no mundo” (32) e “as pessoas ficam apavoradas” (32) produzem o efeito-sentido de negação da doença e de seus riscos, de acusação de balbúrdia, de algazarra no que se refere à doença e minimização da gravidade do vírus. Nesse sentido os excertos acima materializam o discurso negacionista e anticientífico acerca da pandemia de COVID-19, o que aponta, defendemos aqui, para existência do anti-intelectualismo do qual trata Piovezani (2020).

Vejamos, agora, o próximo excerto.

**Excerto 33:** Enquanto tiver transporte coletivo circulando, **minha igreja vai continuar aberta com culto**. Se fechar tudo no mundo, **a igreja é o último reduto de fé e esperança**. **Se entrar alguém pela porta desesperado com coronavírus, eu tenho que impor as mãos sobre a pessoa**. Vai ter sempre uma porta aberta na minha igreja (UOL NOTÍCIAS, 14/03/2020, grifos nossos).

A reportagem publicada pelo site UOL notícias, cujo o título é *Silas Malafaia diz que não vai fechar igreja por causa do coronavírus*, apresenta a declaração do líder religioso acerca do fechamento dos templos. A formulação “minha igreja vai continuar aberta com culto” produz o efeito-sentido de que a pandemia não é algo que ofereça risco ou perigo à comunidade desse líder religioso, e que, por isso, não há motivos para que a igreja seja fechada. Há, aqui, a materialização do efeito de sustentação (2014 [1975]), pois estabelece-se uma relação com outra formulação do excerto, que é: “a igreja é o último reduto de fé e esperança”. Nesse caso, essa última formulação sustenta implicitamente a anterior, pois o motivo dado pelo líder religioso para que a igreja permaneça aberta com culto é porque esta é,

segundo o discurso materializado no excerto, “o último reduto de fé e esperança”. Além disso, a formulação “minha igreja vai continuar aberta com culto” pode ser desdobrada em paráfrases como: *não há riscos de contaminação na minha igreja; o vírus não apresenta perigo para a minha igreja; não somos afetados pelo vírus*. Todas essas formulações fazem eco aos discursos negacionista e anticientífico.

Ainda em relação ao excerto 33, a expressão “minha igreja” produz o efeito de propriedade e de autoridade maior sobre a instituição, por isso, manter a igreja aberta é uma decisão que, de acordo com o discurso materializado na/pela formulação, só diz respeito a esse líder religioso. Nesse caso, o sujeito religioso assume a posição-sujeito de proprietário da igreja. Além disso, a formulação “minha igreja vai continuar aberta com culto” materializa o discurso segundo o qual há um interesse particular e individual sobre posto ao bem comum e aos interesses da saúde coletiva. Sob o argumento de que a igreja é “o último reduto de fé e esperança”, o líder religioso assume a posição-sujeito negacionista, ao manter a igreja aberta, e a posição-sujeito anticientífica, ao indicar que a imposição de “mãos sobre a pessoa” com coronavírus funciona como uma espécie de cura para a doença. Vejamos, agora, mais um excerto que contém declarações desse sujeito religioso, em uma reportagem, publicada pelo site do *Estadão de São Paulo*.

**Excerto 34:** Pastor defende presidente Jair Bolsonaro, diz ser contra o isolamento total e afirma que **governadores vão pagar conta por crise causada por medidas restritivas**. Malafaia: **“Vai morrer gente pelo coronavírus? Vai. Mas se houver caos social, vai morrer muito mais**. As igrejas são essenciais para atender pessoas em desespero, angustiadas, depressivas, que não serão atendidas nos hospitais” (O ESTADO DE S. PAULO, 27/03/2020, grifos nossos).

As formulações do excerto 34 produzem o efeito-sentido de que a crise que existe é uma crise econômica, resultado do isolamento social. Na contramão com a comunidade científica, o sujeito religioso omite a importância do isolamento social enquanto alternativa eficaz para o controle da disseminação do vírus e apresenta as “medidas restritivas” como algo ineficaz e desnecessário, pois o isolamento social geraria uma “crise” financeira que será “paga” pelos “governadores”, e esse suposto “caos social” é que causará mortes durante a pandemia. Nesse sentido, vemos funcionar o discurso da opção pela economia em detrimento da vida.

Além disso, está em funcionamento, também, um discurso de defesa a um suposto “caos” econômico, o qual funciona como uma espécie de minimização dos efeitos da pandemia. A formulação “Vai morrer gente pelo coronavírus? Vai. Mas se houver caos social,

vai morrer muito mais” remete a dizeres do presidente Bolsonaro, que declarou em entrevista que *“alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. Essa é a vida. E daí? Lamento”*<sup>22</sup>. Com isso, vemos que o discurso do pastor de que trata a notícia sob análise é atravessado pelo discurso do presidente Bolsonaro. Tais formulações produzem o efeito-sentido de irresponsabilidade pela vida humana e pelos milhares de mortos pelo vírus da COVID-19. Assim, tanto o discurso do sujeito religioso quanto o discurso do presidente Bolsonaro materializam o discurso da normalização e da naturalização da morte. De acordo com Piovezani (2020):

[...] práticas e discursos já antigos construíram a normalização do sofrimento e da morte dos sujeitos da parte baixa da sociedade brasileira. Outros mais ou menos recentes consolidaram a naturalização de que devemos nos submeter a muitas dores em nome da economia. Sua junção em um contexto de colapso sanitário é a crônica de uma tragédia anunciada e consumada. Um enorme percentual dessas mortes é de responsabilidade do governo Bolsonaro. Para tentar escapar da culpa que lhe deveria pesar sobre os ombros e em sua consciência, a presidência da República emprega um seu expediente conhecido: uma soma de mentiras e segredos. Amparado no suposto dilema entre a saúde ou a economia, Bolsonaro consegue em boa medida emplacar a mentira de que a recessão econômica, os altos índices de desemprego, as dificuldades das classes médias e as penúrias dos pobres é culpa da pandemia e a de que a solução é sacrificar o relativo bem-estar físico em benefício da retomada do crescimento econômico a ser revertido em melhoras das condições de vida para todos (PIOVEZANI, 2020, p. 242-243).

Nesse sentido, podemos dizer que o discurso materializado nesse excerto estabelece uma relação com já-ditos produzidos no campo político da extrema direita, o qual serve de fundamento aos discursos negacionista e anticientífico sobre a pandemia de COVID-19. Tais discursos, defendemos com base em Piovezani (2020), são materializados por meio de uma linguagem fascista. Ainda segundo o referido autor, esse tipo de linguagem tem como propósito

[...] transformar pessoas em massas e conduzi-las a apoiar medidas que as oprimem, exploram e censura. Para isso, a opção pela economia, em detrimento da vida, a segurança dos ricos e remediados e as limitações impostas às vidas dos pobres arrastam consigo outras crenças e segredos: oculta-se a gravidade da crise sanitária (PIOVEZANI, 2020, p. 244).

---

<sup>22</sup> “Em entrevista a Datena, Jair Bolsonaro, comparou a pandemia do novo coronavírus com as mortes no trânsito. ‘Alguns vão morrer? Vão morrer, ué, lamento. Essa é a vida, é a realidade. Nós não podemos parar a fábrica de automóveis porque tem 60 mil mortes no trânsito por ano, está certo?’”. Disse o presidente no mês de abril quando o número de mortos estava na casa dos 5 mil. (In: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/alguns-vaio-morrer-vaio-ue-lamento-essa-e-a-vida/>). Acesso em: 30/06/2022.

Com isso, a análise nos mostra que o atravessamento do discurso político da extrema direita no discurso do sujeito-religioso se dá, principalmente, no funcionamento do discurso negacionista e anticientífico acerca da crise sanitária de COVID-19. Vejamos o próximo excerto.

**Excerto 35: Estamos numa escolha de Sofia: o que é pior, Coronavírus ou caos social? Eu garanto que é caos social. Vai morrer gente, vai... lamentamos** profundamente. Meu desejo é que ninguém morra, mas só um dado para vocês, a gripe influenza, no Brasil, em 2009, matou mais de 2mil pessoas e mais de 58 mil ficaram infectados [...] a minha oração é que Deus guarde pessoas idosas, as pessoas que têm deficiência em seu organismo e que são vulneráveis a isso (MÍDIA NINJA, 21/08/2020, grifos nossos).

No excerto acima, o sujeito religioso, que está subjetivado na posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos, apresenta o isolamento social, medida que permitiu o fechamento dos templos, como uma decisão que cabe à comunidade religiosa, produzindo o efeito-sentido de desobediência às orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Vale salientar que esse sujeito religioso não fala por si, mas em nome de uma coletividade. Isso pode ser identificado pelo uso do verbo “estamos”, que mostra que esse sujeito fala em nome de uma coletividade que ele, supostamente, representa.

A formulação “numa escolha de Sofia”<sup>23</sup>, por um efeito de memória sobre a atualidade, produz o efeito-sentido de que decidir entre a proliferação do “coronavírus”, por meio da qual “vai morrer gente”, e o suposto “caos social” é uma decisão muito difícil de ser tomada. No entanto, ao mesmo tempo em que o sujeito religioso trata do isolamento social como uma “escolha de Sofia”, ele indica sua própria escolha, ao afirmar que “eu garanto que é caos social”, produzindo um efeito-sentido contraditório em relação à suposta difícil decisão. Além disso, o sujeito religioso, ao apresentar o isolamento social, o qual funciona, nesse caso, como paráfrase de “caos social”, como uma escolha, produz o efeito-sentido de que se trata de uma decisão e não uma necessidade.

---

<sup>23</sup>A *escolha de Sofia* é um livro, publicado em 1979, adaptado também para o cinema e que trata de uma difícil escolha que a personagem principal deve fazer. “O romance é, em parte autobiográfico, ao narrar o envolvimento de Stingo com a bela Sofia, assombrada pela terrível escolha que precisou fazer um dia e que não somente definiu o resto da sua vida, como também se tornou uma expressão idiomática: fazer uma ‘escolha de Sofia’ significa ver-se forçado a optar entre duas alternativas igualmente insuportáveis. Em sua patética grandeza, ‘A escolha de Sofia’ nos mostra uma mulher entregue a uma relação alucinante e destrutiva, impermeável a qualquer felicidade capaz de desviá-la do puro e simples aniquilamento. Para além das cercas eletrificadas e das câmaras de gás, Auschwitz continuava a fazer vítimas”. (In: <https://www.saraiva.com.br/a-escolha-de-sofia-3096482/p>). Acesso em: 01/07/2022.

Nesse sentido, o sujeito religioso identifica-se com a posição-sujeito que defende o discurso segundo o qual o isolamento social, uma das medidas de prevenção à disseminação do coronavírus, conduziria à população ao “caos social”, que é, segundo ele “garante”, pior do que o coronavírus e, conseqüentemente, pior do que as prováveis mortes causadas pelos vírus (Vai morrer gente, vai...). Vemos, portanto, materializado um discurso de minimização da pandemia. Assim, sob o argumento da emergência do “caos social”, o sujeito-religioso faz funcionar um discurso permissivo e negligente em relação à morte de milhares de seres humanos. Tudo isso em favor da garantia de uma suposta estabilidade social, a qual, segundo esse discurso, vincula-se à estabilidade da economia.

Vejamos o próximo excerto.

**Excerto 36:** O presidente da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional, deputado Silas Câmara (Republicanos-AM), divulgou nota **para pedir a reabertura dos templos**. Os parlamentares argumentam que precisam de orações para enfrentar a “**pandemia maligna**”.

“Sabemos que a **Igreja é lugar de refúgio para muitos que se acham amedrontados e desesperados**. A fé ajuda a superar angústias e é fator de equilíbrio psicoemocional. Por isso, neste momento de tanta aflição, **é fundamental que os templos**, guardadas as devidas medidas de prevenção, **estejam de portas abertas para receber os abatidos e acolher os desesperados**”, defende o grupo (CNN BRASIL, 19/03/2020, grifos nossos).

Nas materialidades do excerto 36, são produzidos efeitos-sentido de que a fé ajuda a superar a aflição pelo vírus, por isso, a igreja deve permanecer aberta.

A expressão “pandemia maligna” vincula-se, por um efeito da memória sobre a atualidade, a outros termos como “diabo”, “demônio”, uma vez que, para o cristianismo, o maligno está associado à figura de satanás, que representa a origem de todo o mal. Desse modo, vemos a crise sanitária de COVID-19 ser discursivizada como algo diabólico. Assim, ao associar a pandemia ao “maligno”, o excerto sob análise faz funcionar um que associa a pandemia a fatores de ordem espiritual, minimizando a relação da pandemia com o vírus e sua disseminação e, conseqüentemente, vinculando-se ao discurso anticientífico acerca da crise sanitária de COVID-19. Além disso, sob o argumento de que “a Igreja é lugar de refúgio para muitos que se acham amedrontados e desesperados”, o excerto materializa o discurso segundo o qual a igreja é essencial no combate à crise sanitária de COVID-19.

Vejamos o próximo excerto.

**Excerto 37:** Segundo apurou a Agência Pública, outras igrejas evangélicas de grande porte como a Sara Nossa Terra, a Renascer em Cristo e a

Quadrangular do Poder de Deus recomendaram aos fiéis que assistam os cultos online mas ainda assim **seguem de portas abertas**. Uma funcionária da Mundial do Poder de Deus — cuja sede chama “Cidade Mundial dos Sonhos de Deus” — disse por telefone que **a igreja seguia com a programação normal** e que **“quem tem fé em Deus tá protegido”** (APUBLICA.ORG, 19/03/2020, grifos nossos).

O excerto 37 materializa o discurso segundo o qual a proteção de Deus é mais forte do que o vírus, por isso, a igreja “segue de portas abertas”. A formulação “a igreja seguia com a programação normal” materializa o efeito-sentido de que a pandemia não é algo que ofereça risco ou perigo à comunidade religiosa em questão, e que, por isso, não há motivos para que a igreja seja fechada. Desse modo, vemos funcionar o discurso negacionista acerca da crise sanitária de COVID-19.

A formulação “quem tem fé em Deus está protegido” permite identificar que há dois grupos antagônicos: o grupo dos “que tem fé em Deus”, o qual o sujeito-religioso representa, e o grupo dos que, de acordo com o discurso materializado no excerto, não têm fé em Deus. Tal separação aponta para um funcionamento discursivo que indica uma restrição em relação à “proteção de Deus”, uma vez que tal proteção só é válida para os que têm fé. Nesse caso, a formulação “quem tem fé em Deus está protegido” produz o efeito-sentido segundo o qual os que são contaminados pelo vírus e desenvolvem a COVID-19 não têm fé em Deus. Ou, pelo menos, não têm a fé necessária e/ou suficiente para se proteger da doença.

Além disso, tal formulação materializa o discurso segundo o qual a fé em Deus funciona como proteção/barreira que imuniza os fiéis contra o vírus da COVID-19. Assim, o sujeito religioso assume um discurso anticientífico acerca da pandemia de COVID-19.

Os próximos excertos indicam que, na relação com a posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos, emerge outra posição-sujeito, a qual critica àquela contrária ao fechamento dos templos. Essa relação é marcada pela denúncia ao discurso negacionista, ao discurso anticientífico e ao de extrema direita, que, segundo vimos demonstrando ao longo deste trabalho, atravessam e constituem a posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos. Vejamos, então, os excertos a seguir.

**Excerto 38: Enquanto líderes religiosos como Silas Malafaia, que detém o poder de mobilização sobre milhões de pessoas, defendem o retorno dos fiéis às igrejas em plena pandemia de Coronavírus, adeptos das religiões de matriz africana seguem as luzes da ciência e repetem para seus companheiros de fé o mantra que pode salvar milhões de vidas no país e no resto do mundo: fique em casa** (COLABORA, 30/03/2020, grifos nossos).

O excerto acima é parte de uma reportagem feita pelo projeto jornalístico *Colabora* e publicada em seu site oficial. O título da reportagem “Em casa com os orixás – na contramão do que pregam pastores neopentecostais, pais de santo da umbanda e do candomblé fecham terreiros para enfrentar a pandemia do coronavírus” indica, sobretudo, por meio do termo “na contramão”, a existência de uma posição religiosa, identificada como neopentecostal, que é contrária à posição-sujeito de pais de santo da umbanda e do candomblé sobre os fechamentos de templos religiosos durante a pandemia do coronavírus. Desse modo, o enunciado produz o efeito-sentido de rejeição à posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos. O referido título também apresenta um caráter generalizante, produzido pela expressão “pastores neopentecostais”, que materializa um pré-construído segundo o qual existe uma manifestação religiosa liderada por pastores neopentecostais. Além disso, a formulação “em casa com os orixás” atualiza a memória do “fique em casa”, veiculado em campanhas, viralizado na internet e replicado pela população, na tentativa de promover o distanciamento social como forma de conter a disseminação da COVID-19, durante a pandemia.

No excerto 38, os “pastores neopentecostais” são vinculados ao líder religioso Silas Malafaia, que é definido, por meio de uma explicativa como alguém “que detém o poder de mobilização de milhões de pessoas”. Essa oração explicativa funciona como um pré-construído e produz o efeito de que o que é dito na referida formulação é uma verdade, produzida, como afirma Pêcheux (2014 [1975], p. 149), “antes, em outro lugar”. Nesse sentido, ao dizer que Silas Malafaia “detém o poder”, o enunciado materializa o efeito-sentido de que o referido sujeito religioso é alguém que consegue “conduzir” milhares de pessoas a agir conforme suas orientações. Além disso, a informação, presente no texto, de que líderes religiosos, como Silas Malafaia, **defendem** o retorno dos fiéis às igrejas, faz funcionar um discurso segundo o qual agir como Malafaia é algo negativo, pois este, ao contrário dos adeptos das religiões de matriz africana, não segue a luz da ciência. Essa oposição entre “líderes religiosos como Malafaia” e “adeptos das religiões de matriz africana” é marcada linguisticamente pelo operador argumentativo “enquanto”, que está logo no início do excerto. Nesse sentido, o sujeito religioso Silas Malafaia é apresentado, no excerto sob análise, como alguém que age na contramão da ciência. Tal relação, entre a posição-sujeito materializada na figura do líder religioso Silas Malafaia e a posição-sujeito da ciência, faz funcionar o discurso de que os neopentecostais são contrários às medidas de segurança contra a COVID-19, porque são contrários à ciência.

A seguir, analisamos uma sequência de quatro excertos, que são partes de uma entrevista feita com um pastor, pelo site *Jornalistas Livres.org*. Vejamos.

**Excerto 39:** Infelizmente, a queda dessa liminar **premia a inconsequência e mau-caratismo de líderes como Malafaia**, e coloca em risco a vida de milhares de pessoas, já que os cultos, missas e diversos encontros religiosos são carregados de demonstrações de afeto e proximidade, salvo raras exceções. O que vamos colher disso é mais desgraça para um **povo já sofrido e enganado por esses falsos líderes** (JORNALISTAS LIVRES.ORG, 25/03/2020, grifos nossos).

**Excerto 40:** É **lamentável** que num momento como esse, a irresponsabilidade do **presidente** chegue a esse ponto. Faz da **tragédia um palco político e continua jogando para a plateia, que neste caso são os evangélicos. Irresponsabilidade. Infantilidade. Crime contra a humanidade**, afirma o pastor José Barbosa Junior (JORNALISTAS LIVRES.ORG, 25/03/2020, grifos nossos).

**Excerto 41:** **As igrejas devem priorizar o recolhimento, a quarentena contra o COVID-19.** Realizando suas reuniões de forma virtual e, principalmente, reafirmando a **verdade evangélica** de que **Deus não habita em templos feitos por mãos humanas, tão cantada e falada, mas tão pouco percebida na realidade**, continua o pastor José Barbosa Junior (JORNALISTAS LIVRES.ORG, 25/03/2020, grifos nossos).

**Excerto 42:** Esse **governo** que aí está é, desde a campanha, **anticientífico**. E o **fundamentalismo religioso também o é, logo, há um casamento perfeito entre o mau caratismo governamental e a ignorância ensinada e fortalecida na maioria das igrejas**, infelizmente. Algumas religiões, **erroneamente, acham que fé e ciência são antagônicas**. Nada mais distante da verdade. A **verdadeira fé** é superracional e não irracional. **Caminha com a ciência** e os conhecimentos. Vai além (daí ser fé), **mas sem negara caminhada em conjunto** (JORNALISTAS LIVRES.ORG, 25/03/2020, grifos nossos).

Na entrevista, o sujeito religioso foi questionado sobre o fato de o Tribunal da Justiça Federal derrubar a liminar que suspendia cultos e missas durante a pandemia de COVID-19. As expressões “mau-caratismo”, “falsos líderes” e “crime contra a humanidade”, “fundamentalismo religioso”, bem como os lexemas, “irresponsabilidade”, “infantilidade”, “anticientífico”, “ignorância” e “erroneamente”, presentes nos excertos 39, 40, 41 e 42 fazem funcionar efeitos-sentido de rejeição e repúdio à decisão de abertura dos templos durante a pandemia, projetando, simultaneamente, uma imagem negativa sobre os líderes religiosos que defendem tal decisão. No excerto 39, funciona um discurso de crítica a líderes que defendem a abertura dos templos, como aponta, por exemplo, a formulação “premia a inconsequência e mau-caratismo de líderes como Malafaia” e também a expressão “falsos líderes”, que retoma anaforicamente a primeira. Em ambos os casos, a referência ao sujeito religioso Malafaia produz o efeito-sentido de que o referido líder religioso é um dos que assume essa postura irresponsável de colocar “em risco a vida de milhares de pessoas”, uma vez que o referido

líder é apresentado no excerto como alguém que assume a posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos.

Ainda no excerto 39, a formulação “povo já sofrido e enganado” indica que, para o discurso materializado no referido excerto, esses fiéis (povo) já vêm sendo enganados pelos falsos líderes. Nesse excerto, há uma relação entre memória e atualidade, pois a construção da imagem dos evangélicos e dos sujeitos líderes religiosos, como o “Malafaia”, que são contrários ao fechamento dos templos se dá por meio do retorno e, ao mesmo tempo, da atualização de uma memória acerca dos casos em que líderes religiosos enganam os fiéis. Dessa forma, podemos dizer que a memória se atualiza nas formulações do referido excerto, produzindo um efeito de rejeição à posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos.

Nos excertos 40 e 42, há a emergência de um discurso segundo o qual os evangélicos estão vinculados ao atual presidente do Brasil, como indicam as seguintes formulações: i) o presidente “faz da tragédia um palco político” que joga para “a plateia, que neste caso são os evangélicos” (40); ii) formando assim “um casamento perfeito entre o mau-caratismo governamental e a ignorância ensinada e fortalecida na maioria das igrejas” (42), o que compromete às medidas de isolamento contra a disseminação do coronavírus, uma vez que iii) “a irresponsabilidade do presidente” contra as medidas restritivas, configura iv) “crime contra a humanidade”. Observamos, aqui, um efeito de denúncia, o que se dá por meio da vinculação de certos grupos evangélicos ao governo Bolsonaro. Vemos também que essa relação entre evangélicos e governo Bolsonaro é apontada como uma relação de submissão dos primeiros para com o segundo, como indica o termo “plateia”, usado para fazer referência aos evangélicos. Além disso, há uma relação parafrástica entre “povo já sofrido e enganado por esses falsos líderes” (39) e “plateia” (40). Tal relação retoma uma memória segundo a qual o povo sofrido sempre serviu de plateia para os abusos de líderes, tanto religiosos quanto políticos. O excerto 40 produz o efeito-sentido de que os evangélicos estariam do lado do sujeito político, coadunando com a decisão de abertura dos templos, o que para o sujeito do discurso que emerge do texto sob análise é avaliado como algo “lamentável”. Nesse sentido, os excertos materializam o discurso de denúncia ao atravessamento do discurso político da extrema direita nos enunciados dos sujeitos religiosos contrários ao fechamento dos templos durante a pandemia de COVID-19.

No primeiro período do excerto 41, há uma reafirmação do discurso de crítica a posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos, tendo em vista que, segundo o excerto, existe uma “verdade evangélica” de que “Deus não habita em templos feitos por mãos humanas”. A primeira formulação produz o efeito-sentido de existe uma verdade que é

incontestável, e tal “verdade” é evangélica. O referido excerto também materializa o pré-construído segundo o qual existe uma mentira evangélica que, ainda segundo o excerto, é praticada quando o sujeito evangélico defende a abertura dos templos durante a pandemia, para a prática das atividades religiosas, no momento em que “as igrejas devem priorizar o recolhimento, a quarentena contra a Covid-19”.

No primeiro período do excerto 42, a expressão “anticientífico” materializa um pré-construído segundo o qual há um movimento contrário à ciência. E esse excerto estabelece uma relação entre o movimento anticientífico e o fundamentalismo religioso, produzindo um efeito-sentido de rejeição tanto ao governo “anticientífico” quanto ao “fundamentalismo religioso”. A formulação “fundamentalismo religioso” funciona como um lugar de memória que reverbera na definição daquilo que pode ser considerado como “anticientífico”, uma vez que, conforme nos mostra Indursky “lugares de memória” são os que consolidaram este imaginário e tornaram possível este jogo de repetição discursiva que alimenta o que é memorável para um grupo social” (INDURSKY, 2011, p. 74). Nessa perspectiva, os sentidos de fé e de ciência passaram a ser objetos de repetição até cristalizarem e regularizarem o discurso segundo o qual religião e ciência são antagônicas. Nesse caso, a novidade é marcada na formulação “algumas religiões, erroneamente, acham que fé e ciência são antagônicas”. Por meio dela, o sujeito de discurso que emerge do excerto sob análise, a partir da retomada de uma memória, nega a oposição entre fé e ciência e faz isso porque está sob a ilusão subjetiva de que não faz parte do discurso “anticientífico”. Entretanto, esse mesmo sujeito do discurso afirma que a fé “Vai além (daí ser fé), mas sem negar a caminhada em conjunto”. Nesse caso, por meio do operador argumentativo, “mas”, a formulação marca a identificação do excerto com a posição-sujeito religiosa. Vê-se, contudo, um jogo entre pertencimento e deriva pois, apesar de dizer que a fé vai além da ciência, o sujeito de discurso que emerge da formulação sob análise defende que não se deve negar “a caminhada em conjunto”, o que materializa o discurso segundo o qual há uma vinculação entre religião e ciência.

Vejamos, agora, o próximo excerto, que corresponde a um trecho de uma entrevista com um pastor evangélico.

**Excerto 43:** Pastor que prega **contra o isolamentos e preocupa mais com arrecadação que com fiel**. O que me chama atenção é que **pastor deveria zelar pelas suas ovelhas**. Não vou expor **meus membros** e dizer para eles saírem de casa (ÉPOCA.GLOBO,19/04/2020, grifos nossos).

O excerto 43, como dito, é parte de uma entrevista feita com um pastor, publicada pela revista *Época*. Na referida entrevista, o líder religioso é questionado sobre o comportamento dos pastores que têm contrariado as recomendações da ciência e defendido o fim do isolamento social. A formulação materializa um discurso de denúncia à posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos religiosos, produzindo um efeito-sentido de rejeição ao lugar de defesa à abertura dos templos durante a pandemia. Há, no excerto, a retomada de uma memória segundo a qual alguns líderes religiosos envolvem-se em escândalos financeiros, pois priorizam mais a arrecadação de dinheiro do que questões de fé. Essa retomada é feita quando o entrevistado afirma que pastor contrário ao isolamento “se preocupa mais com arrecadação que com fiel”. Além disso, no termo “arrecadação”, vemos a materialização de um discurso que aponta para uma relação entre religião e lucro, produzindo o efeito-sentido de que líderes religiosos que defendem a abertura dos templos só visam benefícios econômicos.

Esse excerto faz emergir uma memória acerca da prática de charlatanismo, atualizando sentidos já ditos em relação ao referido crime, especialmente nas igrejas evangélicas. Essa memória faz emergir sentidos negativos, que passam a ser vinculados ao novo, que é justamente a questão da posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos durante a pandemia de COVID-19. Em seguida, a formulação “pastor deveria zelar pelas suas ovelhas” atualiza a memória do versículo bíblico “Eu sou o bom Pastor, o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (João 10:11)<sup>24</sup>. Vemos, também, que o sujeito religioso, por meio dos pronomes possessivos “suas” e “meus”, marca linguisticamente, no excerto sob análise, o compromisso do pastor com suas “ovelhas”. Em síntese, o sujeito do discurso que emerge na formulação sob análise e que ocupa o lugar de pastor inscreve-se na posição-sujeito que critica e denuncia o discurso contrário ao fechamento dos templos religiosos durante a crise sanitária de COVID-19.

O próximo excerto apresenta parte de uma entrevista de um líder religioso, publicada pela revista *Veja*. Na referida entrevista, o sujeito religioso é questionado sobre a associação da fé cristã protestante com o governo Bolsonaro no atual contexto da pandemia. Vejamos, a seguir, parte de sua resposta:

---

<sup>24</sup>Michel Foucault (2008 [1977-1978]), no livro *Segurança, Território, População*, que é resultado de um de seus cursos no *Collège de France*, problematiza o pastorado cristão e defende que este funciona como pano de fundo para se compreender a tecnologia de poder específica do estado moderno. Trata-se de uma discussão que não faz parte do escopo deste trabalho, mas que é bastante interessante, pois contribui para compreensão do sentido de governo e de governamentalidade nas sociedades modernas.

**Excerto 44:** [...] um óbito que poderia ser evitado com cuidados profiláticos e terapêuticos, e se aceita, contabilizando essa morte como o **ônus para outros ganhos**, contraria o que é o natural do evangelho: ou seja, o acolher, o cuidar do pobre e da viúva, dos desassistidos, dos enfermos. Esse **descuido para com a vida humana é incompatível com os valores da fé cristã**. Então, **uma igreja que dá suporte a essa identidade política se compromete mesmo** [...] essa morte que poderia ser evitada como o ônus para outros ganhos numa **relação de custo-benefício**... a vida humana não pode entrar em conta de **custo-benefício**. [...]. Já o outro dano eu acho que também é no sentido **valorativo**, se posso chamar assim, que é associar o evangelho a um **governo de índole tão contrária ao respeito à vida humana**. Não apenas na questão já sabida das declarações do **presidente Bolsonaro** quanto à tortura, quanto à violência, toda a ênfase de armamento, de uma ação belicosa, uma cultura bélica e violenta, mas **ultimamente também, o desprezo à vida humana, submetendo a vida humana a esse cálculo pragmático de ‘pessoas têm que morrer, paciência, temos que salvar o país e a economia do país... e se as pessoas morrerem, paciência’**. Quer dizer, **esse descuido para com a vida humana é incompatível com os valores da fé cristã**. Então, **uma igreja que dá suporte a essa identidade política se compromete mesmo** (VEJA, 21/04/2020, grifos nossos).

O excerto 44 é parte de uma entrevista feita a um líder religioso que responde à seguinte pergunta: *Os evangélicos hoje são uma das principais bases do presidente, que se apoiam contra a ciência, contra aquilo que está sendo feito no mundo inteiro em relação à pandemia. O desgaste político de se aliar não pode pesar às próprias lideranças evangélicas e à igreja em algum momento?*

Nesse sentido, vemos que há uma crítica à postura dos líderes religiosos que se alinham ao discurso materializado nas enunciações do presidente Jair Bolsonaro, pois, ainda segundo o discurso materializado no excerto, o referido sujeito político se opõe à ciência e submete “a vida humana a esse cálculo pragmático de pessoas têm que morrer, paciência, temos que salvar o país e a economia do país”.

O primeiro período do excerto materializa efeitos-sentido que conferem tanto aos líderes religiosos quanto ao governo Bolsonaro um caráter negativo, que se contrapõe aos “valores da fé cristã”, uma vez que os princípios dessa “fé cristã” supõem o cuidado com “a vida humana”. Além disso, a expressão “valores da fé cristã” materializa um pré-construído que remete “‘aquilo que todo mundo sabe’, isto é, aos conteúdos de pensamento do ‘sujeito universal’” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 158-159), indicando, portanto, que existe algo que é sabido por todos e que é supostamente inquestionável, que pode ser denominado de “valores da fé cristã”, e que se diferenciam de outros valores, por isso busca-se “conter” à deriva dos sentidos, precisando-se a que tipo de “valores” o enunciado se refere. O efeito dessa construção é apresentar o cristianismo como algo que agrega valores e que, portanto, deve ser

avaliado de forma positiva, uma vez que, por um efeito da memória, o termo “valores” é avaliado positivamente em nossa sociedade, como podemos constatar pelo uso da expressão “ele é uma pessoa de valor”, que pode ser parafraseada por “ele é uma pessoa de caráter” ou “ele é uma pessoa íntegra”.

Na formulação “uma igreja que dá suporte a essa identidade política se compromete mesmo”, constatamos que “essa identidade política” faz referência ao atual governo de Jair Bolsonaro e remete também ao que foi chamado no texto de “descuido com a vida humana”. Nesse caso, há a materialização de um discurso segundo o qual existem igrejas que dão suporte a uma identidade política que defende e/ou promove atitudes de descuido com a vida humana durante a pandemia de COVID-19. Tal formulação pode ainda ser desdobrada em paráfrases como: ser contrário às medidas de segurança contra a COVID-19 é: minimizar a pandemia de COVID-19; não se importar com a vida humana; se importar mais com a economia do que com a vida humana etc. Há, portanto, nesse caso, dois gestos interpretativos: no primeiro, o sujeito que emerge do excerto sob análise, por meio da formulação “descuido com a vida humana”, materializa uma relação entre o governo Bolsonaro e os religiosos que defendem a abertura dos templos. E, no segundo, esse mesmo sujeito instaura o efeito-sentido de que defender a abertura dos templos é se preocupar mais com o financeiro do que com “a vida humana”. Esse segundo gesto interpretativo torna-se possível devido ao que lemos no final do excerto, quando o líder religioso que está sendo entrevistado afirma que as mortes poderiam ser evitadas, mas são aceitas como “ônus para outros ganhos numa **relação de custo-benefício**”. Nesse caso, a expressão “custo-benefício”, assim como “ganhos” e também “contabiliza”, que aparece um pouco antes no mesmo excerto, aponta para a materialização de um discurso que supervaloriza a economia e despreza a vida humana, pois a trata com base na relação de **custo-benefício**, o que é repudiado, pela posição-sujeito com a qual o entrevistado identifica-se, por meio da frase negativa “a vida humana não pode entrar em conta de **custo-benefício**”, a qual indica que existem posições-sujeito que acreditam e/ou defendem que a vida humana seja tratada com base na referida conta. Assim, no excerto sob análise, funciona uma posição-sujeito religiosa que defende o fechamento dos templos, ao mesmo tempo em que instaura um efeito-sentido de rejeição tanto para com o sujeito político Bolsonaro quanto para com os líderes religiosos que defendem a abertura dos templos.

### **3.5 Considerações finais acerca do acontecimento discursivo da COVID-19 e do discurso sobre o fechamento dos templos religiosos**

Com base nos dados apresentados e analisados, concluímos que a crise sanitária de COVID-19 se inscreve em uma rede de memória que a relaciona a outros acontecimentos pandêmicos. Concluímos também que a referida crise sanitária inaugura uma nova rede de formulações, no campo religioso, provocando uma desestabilização ao romper com sentidos cristalizados acerca da igreja, do mundo virtual, da comunhão com Deus, e os deslocam para novos lugares enunciativos como: igreja do lar, igreja doméstica, comunidade virtual. Além disso, a pandemia de COVID-19 inscreve-se em uma rede de memória, que é da ordem do religioso, que a vincula ao pecado, ao juízo de Deus sobre a humanidade e às provações. Essa memória, retomada e atualizada pelo acontecimento discursivo, instaura o discurso anticientífico, negacionista e fundamentalista acerca da referida crise sanitária. Assim, ao mesmo tempo em que a pandemia de COVID-19 está vinculada a uma memória, também instaura o novo, o que indica que o acontecimento histórico da pandemia de COVID-19 configura-se como um acontecimento discursivo. É nesse sentido que Indursky (2003), quando trata de acontecimento discursivo, afirma que:

Estamos diante do encontro entres sentidos já postos, presentes na estrutura, com novos sentidos que são produzidos a partir desse acontecimento histórico que reclama sentidos, que pede interpretações, os quais, ao serem discursivizados, o ressignificam (INDURSKY, 2003, p. 118).

Em relação às análises sobre o discurso acerca do fechamento dos templos religiosos, vimos que, sob o argumento de que a fé é essencial no combate à pandemia de COVID-19, a posição-sujeito religiosa contrária ao fechamento dos templos faz funcionar o efeito-sentido de que a abertura dos templos é condição para que haja a intervenção divina para a solução da pandemia do novo coronavírus. Podemos observar também o atravessamento do discurso político nos enunciados produzidos pela posição-sujeito religiosa contrária ao fechamento das igrejas. Desse modo, observamos que o atravessamento do discurso político no discurso religioso, materializa, por meio de uma linguagem fascista, já-ditos produzidos no campo político da extrema direita, no qual se dá o funcionamento do discurso negacionista e anticientífico.

## 4 CONCLUSÃO

A pesquisa que resultou neste trabalho, conforme indicamos na introdução, teve como objeto analisar a relação entre sentidos, ideologia e sujeitos que emerge da relação entre o campo religioso, o campo científico e o campo político em meio ao acontecimento da pandemia de COVID-19. Neste sentido, por meio das análises, buscamos responder as seguintes questões-problema: de que modo a pandemia de COVID-19 se constitui como acontecimento discursivo no campo religioso? Quais posições-sujeito e quais efeitos-sentido estão em funcionamentos nos discursos contrários ao fechamento dos templos religiosos? Para responder a essas questões, elaboramos três hipóteses: i) a crise sanitária de COVID-19 funciona como um acontecimento discursivo, que possibilita a ruptura de sentidos estabilizados e a instauração de novos dizeres, novos sentidos acerca da relação entre religião, saúde, fé, medicina, ciência e economia; ii) na construção desse espaço discursivo, há a retomada de diferentes memórias, vinculadas a posições-sujeito que remetem tanto ao campo religioso quanto ao campo médico-científico e, até mesmo, ao campo econômico e político; iii) há uma relação tensa com sentidos já-ditos na estrutura do discurso religioso, possibilitando e mobilizando novos sentidos que se materializam nas enunciações contrárias ao fechamento dos templos.

O *corpus* da pesquisa foi constituído por recortes de textos que tratam da crise sanitária de COVID-19, relacionando-a a outros eventos pandêmicos, e de materialidades linguísticas produzidas por sujeitos religiosos, que discursivizam a crise sanitária, veiculadas na mídia digital, no período de março de 2020 até março 2021. Analisamos, portanto, 44 excertos, os quais foram divididos em subseções, sendo 26 referentes ao acontecimento discursivo da pandemia de COVID-19 e 18 **sobre o** fechamento dos templos religiosos, no acontecimento discursivo da pandemia de COVID-19.

Na seção 2- *Pandemia de COVID-19 como acontecimento histórico*, problematizamos, no primeiro momento, o acontecimento histórico, com base na noção de história apresentadas por Foucault (2000 [1972]) e Le Goff (1999), sendo este último retomado no texto de Vicente (2009). No segundo momento da segunda seção, ao apresentarmos algumas considerações acerca do acontecimento histórico da pandemia de COVID-19, problematizamos o acontecimento histórico da citada doença.

Na seção 3- *Pandemia de COVID-19 como acontecimento discursivo no campo religioso*, buscamos, de forma mais detida, responder às questões propostas. Para tanto, dividimos a referida seção em duas subseções de análise. Na primeira parte, subseção 3.3 -

*Análise do acontecimento discursivo da COVID-19*, objetivamos indicar, por meio das análises, como se dá a relação discursiva entre memória e atualidade nas discursivizações acerca da crise sanitária de COVID-19, no campo religioso. Na segunda parte de análises, da seção 3 – subseção 3.4-*Discurso sobre o fechamento dos templos religioso sem meio ao acontecimento discursivo da pandemia de COVID-19*, analisamos quais posições-sujeitos e quais efeitos-sentido estão materializados nas discursividades de grupos religiosos contrários ao fechamento dos templos durante a referida crise sanitária.

A partir das três hipóteses elencadas no início deste trabalho, foi possível constatar, ao longo da pesquisa que resultou neste texto, que a crise sanitária de COVID-19 se inscreve em uma rede de memória que a relaciona a outros acontecimentos pandêmicos e que o surgimento de novas formulações, no campo religioso, ligadas à referida pandemia, promoveu deslizamentos de sentidos em relação à certa memória discursiva. Constatamos também o atravessamento do discurso político da extrema direita e do discurso científico nos enunciados da posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos religiosos. Tais constatações foram possíveis ao analisarmos os ditos e os não-ditos materializados nas discursividades da pandemia, no campo religioso.

Observamos que reportagens veiculadas na mídia relacionam a crise sanitária de COVID-19 a outros eventos pandêmicos que a antecederam, ao mesmo tempo em que instauram um novo. Nesse sentido, mostramos que a crise sanitária de COVID-19 se inscreve em uma rede de memória que a relaciona a outros acontecimentos pandêmicos, tais como a gripe espanhola, a gripe asiática, a gripe suína (H1N1), dentre outras. Essa memória, retomada e atualizada pelo acontecimento discursivo, liga-se a uma rede de formulações que a antecederam e que também virão a suceder o acontecimento da atual pandemia. Assim, ao mesmo tempo em que a pandemia de COVID-19 está vinculada ao que a antecede, também instaura o novo, novos dizeres, novos deslizamentos de sentidos e novos efeitos-sentido, o que indica que o acontecimento histórico da pandemia de COVID-19 configura-se como um acontecimento discursivo.

Vimos, ainda, nas análises que tratam do acontecimento pandêmico no campo religioso, que a crise sanitária de COVID-19 inaugura uma nova rede de formulações, novos dizeres, rompendo com sentidos já cristalizados sobre igreja, mundo virtual, comunhão com Deus. Os sentidos de igreja (templo) deslizaram para igreja do lar, igreja doméstica e comunidade virtual; os sentidos de lar deslizaram para templo, para lugar de comunhão e encontro com Deus, e os sentidos de mundo virtual deslizaram para abençoado instrumento de evangelização. Assim, a pandemia de COVID-19, enquanto acontecimento que faz trabalhar a

memória, mas que instaura novos dizeres, provoca perturbações nessa mesma memória e opera deslocamentos de sentidos que instauram outros significados de igreja, de sentidos de comunhão com Deus e do mundo virtual. Isso também indica que o acontecimento histórico da pandemia de COVID-19 configura-se como um acontecimento discursivo.

Além disso, as análises permitem concluir que a pandemia se inscreve numa rede de memória que vincula o acontecimento pandêmico ao pecado, ao juízo de Deus sobre a humanidade e à provação divina. Como vimos, essa memória, retomada e atualizada pelo acontecimento discursivo, instaura o discurso anticientífico, o discurso fundamentalista e o discurso negacionista acerca da crise sanitária de COVID-19.

As análises das posições-sujeito e dos efeitos-sentido materializados nas discursividades de grupos religiosos contrários ao fechamento dos templos durante a referida crise sanitária indicaram que o sujeito religioso contrário ao fechamento dos templos fundamenta-se em um discurso de negação da pandemia de COVID-19. Vimos também o atravessamento do discurso político da extrema direita nos enunciados desse sujeito religioso. Observamos que esse sujeito religioso se apropria de características de uma linguagem fascista ao defender a abertura dos templos religiosos. Esse funcionamento do sujeito religioso materializa o discurso negacionista e o discurso anticientífico sobre a pandemia de COVID-19. Nesse sentido, defendemos que o sujeito-religioso contrário ao fechamento dos templos, identifica-se com o discurso político da extrema direita ao legitimar sua prática religiosa a partir do negacionismo e do anticientificismo no que se refere à crise sanitária de COVID-19.

Ao fim deste trabalho, vimos que as nossas hipóteses foram comprovadas, uma vez que identificamos que o acontecimento histórico da crise sanitária de COVID-19 configurou-se como acontecimento discursivo também no campo religioso, pois instaurou novos dizeres, novos sentidos e permitiu deslizamentos de sentidos. Identificamos que a posição-sujeito religiosa contrária ao fechamento dos templos faz funcionar o efeito-sentido de que a abertura dos templos é condição para que haja a intervenção divina para a solução da pandemia do novo coronavírus e vimos também o atravessamento do discurso político nos enunciados produzidos pela posição-sujeito religiosa contrária ao fechamento das igrejas. E, identificamos que o atravessamento do discurso político no discurso religioso, materializa, por meio de uma linguagem fascista, já-ditos produzidos no campo político da extrema direita, no qual se dá o funcionamento do discurso negacionista e anticientífico. Tal atravessamento instaura uma relação tensa com sentidos já-ditos na estrutura do discurso religioso, que emerge outra posição-sujeito, a qual critica àquela contrária ao fechamento dos

templos. Essa relação é marcada pela denúncia ao discurso negacionista, ao discurso anticientífico e ao de extrema direita, que, segundo vimos demonstrando ao longo deste trabalho, atravessam e constituem a posição-sujeito contrária ao fechamento dos templos.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019 [1988].
- BUTANTAN, Instituto. **Qual a diferença entre SARS-CoV-2 e Covid-19? Prevalência e incidência são a mesma coisa? E mortalidade e letalidade?** 2020. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>. Acesso em: 12/12/2021.
- DE SAÚDE, Conselho Nacional. **Recomendação nº 036, de 11 de maio 2020**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/images/Recomendacoes/2020/Reco036.pdf>. Acesso em: 15/01/2022.
- FGV. **Gripe espanhola**. 2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/GRIPE%20ESPANHOLA.pdf>. Acesso em: 10/01/2022.
- FIOCRUZ, Instituto. **Medidas de Prevenção e Controle da COVID-19: Limpeza, Desinfecção e Tipos de Precauções**. 2020. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/medidas-de-prevencao-e-controle-da-covid-19-limpeza-desinfeccao-e-tipos-de-precaucoes/>. Acesso em: 10/11/2021.
- FIOCRUZ, Instituto. **Pneumologista fala sobre sintomas e prevenção da gripe H1N1**. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pneumologista-fala-sobre-sintomas-e-prevencao-da-gripe-h1n1>. Acesso em: 12/12/2021.
- FOUCAULT, Michel. **Retornar à História**. In: Ditos e Escritos II. Trad. Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. Curso no Collège de France (1977-1978), Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. In: **Organon** 35, v. 17, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://cutt.ly/CcyMUwd>.
- LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001c. [original: 1999].
- LIMA, H. Discursos negacionistas disseminados em rede. **Revista da ABRALIN**, 2020. V. 19. p. 389-408. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1758>.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. 2ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1984].

MARI, De João. '**Vai pegar em muita gente, mas não precisa ter essa neura toda', diz Bolsonaro sobre coronavírus**. In: Yahoo notícias. 2020. Disponível em: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/vai-pegar-em-muita-gente-mas-nao-precisa-ter-essa-neura-toda-diz-bolsonaro-em-entrevista-170050277.html>. Acesso em: 30/06/2022.

O ANTAGONISTA. **Áudio: "Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. Essa é a vida"**. 2020. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/alguns-vao-morrer-vao-ue-lamento-essa-e-a-vida/>. Acesso em: 30/06/2022.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 13ª edição. Campinas: Pontes, 2015 [1990].

ORLANDI, Eni Puccinelli. Do sujeito na história e no simbólico. In: **Contextos epistemológicos da Análise de Discurso**. Campinas: Labeurb, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Palavra, fé, poder**. 1ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Cadernos de Linguística**. 2021. 2 v.

PAN-AMERICANA DA SAÚDE, Organização. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 10/09/2020.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET, F. e T. HAK (Org.). Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani *et. al.* Campinas: UNICAMP, 1993 [1975], p. 163-253.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso: (AAD-69)**. In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 7ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 [1983a].

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. IN: **Papel da Memória**. Pierre Achardet *al.* Tradução: José Horta Nunes. 1ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1999 [1983b].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação (1978). In: PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PERGUNTAS BÍBLICAS. O que representavam as 10 pragas e quais deuses do Egito foram atingidos? Disponível em: <https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/o-que-representavam-as-10-pragas-do-egito-e-quais-sao-os-deuses-que-estao-relacionados-com-elascd/>.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. **A linguagem fascista**. 1ª ed. São Paulo: Hedra, 2020.

PLANALTO. **Decreto nº 10.292, de 25 de março de 2020**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/decreto/D10292.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10292.htm). Acesso em: 02/06/2020.

PLANALTO. **Decreto legislativo nº 6, DE 2020**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/portaria/DLG6-2020.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm). Acesso em: 10/09/2020.

ROCHA, Daniel. **Sob o estigma do fundamentalismo: algumas reflexões sobre um conceito controverso**. In: Dossiê: Política, Mídia e Religião. Belo Horizonte, v. 18, n. 56, p. 455-484, 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNOLOGIA. Imunologia sobre a utilização da Cloroquina/Hidroxicloroquina para o tratamento da COVID-19. Disponível em: <https://sbi.org.br/2020/05/18/parecer-da-sociedade-brasileira-de-imunologia-sobre-a-utilizacao-da-cloroquina-hidroxicloroquina-para-o-tratamento-da-covid-19/>. Acesso em: 15/09/2020.

TESINI, Brenda L. **Coronavírus e síndromes respiratórias agudas (MERS e SARS)**. In: Manual MSD Versão Saúde para a Família. 2021. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/v%C3%ADrus-respirat%C3%B3rios/coronav%C3%ADrus-e-s%C3%ADndromes-respirat%C3%B3rias-agudas-covid-19-mers-e-sars>. Acesso em: 10/01/2022.

UNASUS. **Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença**. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 10/09/2020.

VALADÃO, Pastor Márcio. **A Igreja: Corpo de Cristo**. 2014. In: O tempo. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaopastor-marcio-valadao/a-igreja-corpo-de-cristo-1.772853>.: 12/06/2022.

VICENTE, M. M. **História e comunicação na ordem internacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 214 p. ISBN 978-85-98605-96-8.

VINDE A CRISTO, Organização. **O que acontece nos templos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias?**. 2021. Disponível em: <https://www.vindeacristo.org/artigos/o-que-acontece-nos-templos-da-igreja>. Acesso em 12/06/2022.